

A black and white portrait of a middle-aged man with short, dark hair, wearing round-rimmed glasses and a dark suit jacket over a light-colored shirt. He has a serious expression and is looking directly at the camera. The background is a textured, mottled grey.

CONFERÊNCIA
EDUCAÇÃO DA MULHER
NO BRASIL
HENRIQUE CASTRICIANO



Educação da mulher no Brasil

Editor

Abimael Silva

Capa

Alexandre Oliveira

Impressão

Offset Gráfica

Julho/2011

SEBO VERMELHO EDIÇÕES

Av. Rio Branco, 705 - Centro - Natal/RN

59025-002 - Fone: 84 9401-9008

sebovermelho@yahoo.com.br

www.sebovermelhoedicoes.blogspot.com

Liga do Ensino

Educação da mulher no Brasil

(Conferência realizada pelo dr. H. CASTRICIANO no dia 23 de Julho de 1911)

NATAL
Typographia do Instituto
1911

O exm. dr. Alberto Maranhão, governador do Estado, presidiu a primeira reunião da Liga do Ensino, realizada em 23 de julho do anno corrente pronunciando as seguintes palavras :

No entusiasmo desta assembléa, na qual vejo reunidas todas as forças valiosas de nosso meio, sinto quanto avançamos dentro do novo regimen. Um tal movimento falla bem alto em prol de nossa cultura civica e é prova edificante da capacidade de progresso deste pequeno Estado do Brasil.

A Liga do Ensino tem todo o meu apoio.

Applaudindo seu programma, fazendo o possivel para que seja realizado, principalmente na parte referente á educação racional da mulher, sinto a satisfação dos chefes de governo que tra-

balham para as collectividades fortes, bem orientadas, tenho a mais nitida comprehensão dos elevados interesses da politica. Esta reunião é das que honram um povo, enchendo do mais justo orgulho o cidadão que tem a honra de presidir os destinos deste povo.

Dou a palavra ao Snr. dr. H. Castriano que dirá o grandioso fim a que se propõe a Liga.





Minhas senhoras, meus senhores,

EM fins do outomno de 1909 viajava eu no lago Lemán, de Genebra para Lausanna, quando, irreprehensivelmente vestido, veio sentar-se perto de mim um casal brasileiro.

Eu viajava como touriste de recursos parcos, calçando solidas botinas de couro de bezerro, vestindo economico e rude casacão de casimira escura.

Cumprimentei os patricios, elles retribuiram com frieza a minha saudação; e não foi adeante a nossa cortezia. Entre nós cahiu um silencio frio, irritante, hostil.

Comecei a ler ou a fingir que lia; o casal me observava com disfarce, mal escondendo a sua confusão deante de um compatriota sem joias finas e sem trajar no rigor da moda.

As barcas que trategam no Lemán conduzem sempre numero consideravel de passageiros; foi-me facil, portanto, mudar de banco.

Fiquei mais a vontade e pude olhar sem vexame esse par de compatriotas ingenuos, não sei se ricos, não sei se distintos, mas muito bem trajados.

O rapaz, magrissimo, ostentava no indicador direito magnifico anel: doutor em qualquer cousa...

A moça, de olhos garços e tez branca, formosissima, tinha o ar macilento das reclusas, a belleza morbida das mulheres fataes..

A barca estacionou um instante em Coppet, onde, com a mais viva alegria, entraram diversas educandas, acompanhadas das professoras, em respeitosa camaradagem, sorrindo ao sol de Outubro, excepcionalmente bello naquelle dia, derramando tamboem o seu riso de luz no lago tranquillo e nos Alpes nevados.

Aquellas moças vestiam com absoluta simplicidade e conduziam, sem languidos requebros, pesadas bolsas a tiracollo, contendo artefactos de ensino.

A mais alentada sentou-se junto de minha patricia e, puxando volumoso livro de notas, começou-a escrever rapidamente, a perna direita sobre a esquerda, sem ligar importancia á estrangeira arzuada que o acaso lhe dera por vizinha de alguns minutos.

Talvez porque lhe fizesse mal aos nervos o ruido do lapis annotador, talvez porque lhe maguasse a vista o gross vestuario da joven, o certo é que a se

nhora brasileira ergueu se, arimada ao braço do marido, de quem concertou o laço da gravata, e murmurou fazendo beicinho :

—Que gente !

Elle, muito superior, acquiesceu em concordar que aquelle povo era realmente atrasado. com mulheres que andavam mal vestidas, pesadamente, como se fossem pessoas do commercio,—acrescentou, sibilante...

Momentos depois, desembarquei em Ouchy, arrabalde de Lausanna, a velha capital do cantão de Vaud e, como é sabido, uma das cidades mais cultas da Suissa, com muitos estabelecimentos de ensino, onde se educam dezenas de creanças estrangeiras, cujas familias, não raro, ali vão residir enquanto os filhos completam os estudos.

E uma coisa me chamou logo a attenção : nas principaes ruas, em frente ás calçadas cheias de tranzeuntes, disposta com o maximo accio e arte, formando originalissimo renque de plantas mortas, achava se prompta á venda immensa quantidade de flores, de verdura e de fructos.

No centro das ruas, aliás ingremes e estreitas, era grande o numero de senhoras. de andar firme, com o aprumo natural dos fortes, enluvadas e trajando roupas sobrias.

Compravam sem discussão, pagavam ás pressas e lá iam, rua acima, rua abai-

xo, conduzindo ellas mesmas, em cabazes apropriados, a couve, a cenoura, o espargo—em uma palavra tudo quanto uma horta europea produz.

Eu acabava de chegar do Brasil, a terra em que o trabalho manual é considerado castigo infamante, em cuja metropole dará triste copia de si quem, decentemente vestido, atravessar a rua do Ouvidor conduzindo qualquer pacote.

Vinha do Brasil de hoje, sob tantos aspectos ainda colonial, não obstante o verniz de civilisação com que se ostenta; do Brasil que não ha muito memorou o seu quarto centenario apertado no espartilho das ordenações—já golpeado, felizmente—immenso gigante desnutrado, pauperrimo no meio de fabulosa riqueza.

Entrei na livraria Payot, situada no começo da rua de Bourg, a Ouvidor de Lausanna; e, após discreta indagação, vim a saber do livreiro que essa feira é bi-semanal e as suas frequentadoras pertencem ás primeiras familias da cidade. O livreiro accrescentou, envaidecido, esta phrase que seria ironica em labios francezes:

—Na Suissa ninguem se envergonha de trabalhar, porque todo o mundo sabe lêr...

Testemunha da ordem, da simplicidade, da alegria nada ruidosa dessa republica inimitavel, o que no momento me chamava a attenção e me despertava a

irrequieta curiosidade não era a calma actividade do povo em geral, mas a robustez e a tranquillidade da segurança das mulheres, todas evidentemente preoccupadas com alguma tarefa seria.

Mais tarde, consultando ligeiro trabalho economico, encontrei a explicação de tudo em poucos algarismos.

A felicidade, tão lembrada sempre, do povo suíço está na educação das mulheres.

Esse pequeno povo de menos de quatro milhões de individuos, habitando um territorio de pouco mais de quarenta e um mil kilometros quadrados, dos quaes um quarto é improductivo, sem minerios, sem colonias, fallando trez linguas, com duas religiões que em toda a parte do globo se combatem, tornou-se, profundamente unido depois de graves dissensões, um dos primeiros do mundo porque fez do sexo feminino um serio elemento de progresso.

Rasgou os Alpes para encontrar-se com as outras nações por meio das linhas ferro-viarias, resolveu de ha muito certos problemas politico sociaes ainda agora discutidos nos parlamentos cultos; centro geographico europeu, constituiu-se, no dizer de Hilty, a cidade mundial em que se debatem questões economicas attinentes a todos os povos, mas não se esqueceu—e deve principalmente a isso a tranquillidade existencia que desfructa—de fazer da mulher um ser

util, nada romantico, equilibrado, accitando a vida como ella é.

Os algarismos a que me referi eram sufficientes para explicar a harmonia da sociedade alli, onde, por assim dizer, não ha sexo fragil; o trabalho mental, o exercicio physico, a cultura moral e scientifica, a escola, emfim, como ella devia ser em toda a parte, deu á mulher suissa a coragem serena com que, lutando pela existencia, prepara ao mesmo tempo a educação dos filhos, que estão cada vez mais tornando forte a terra da liberdade.

A distribuição do trabalho nesse paiz explica o seu consideravel progresso.

Contendo uma população feminina de um milhão e oitocentas pessoas, destas mais de um milhão e meio exercem profissões diversas.

Nas industrias textis, na medicina e hygiene, em diversos ramos da administração publica, no ensino, no commercio, encontra-se maior numero de senhoras que de homens; e, para prova da actividade com que se conduzem, basta lembrar que o total da importação e exportação na Suissa é calculado em 717 francos para cada habitante, mais do que na Allemanha, na França e na Inglaterra.

Da educação resulta a aptidão para o trabalho, ampla e clara noção do dever, ausencia de preconceitos ridiculos; e dessa aptidão individual, sahio a ener-

gia collectiva, o civismo por norma, a honestidade na vida social, o respeito a si proprio e aos outros.

Paiz industrial, instinctivamente fez da casa uma pequena officina ; cada lar é uma fabrica.

A esculptura em madeira, a renda, a relojoaria, são communmente trabalhos domesticos realizados, por conta dos grandes vendedores, sob a vigilancia da dona da casa.

A industria não despersou a familia ; pelo contrario tornou-a mais prospera e unida.

O trabalho fragmentou se ; e isso representa consideravel beneficio, porque os costumes mantiveram-se patriarchaes, livres da dissolução dos grandes centros.

Cada aldeia silenciosa, cada burgo modesto, lembra a actividade das colmeias, nas quaes a acção subdividida dá como resultado a harmonia geral.

Não raro, a mulher trabalha na usina, sem que esse facto concorra para o afrouxamento dos laços da familia : a usina é tambem a continuação da casa, especie de sala de trabalho para onde converge a multidão de operarias.

As proprias ruas se nos afiguram um prolongamento do lar, tão grande é a modestia, o escrupulo, a simplicidade de todos.

E o que augmenta a impressão de estarmos ali sempre em familia é o extra-

ordinario numero de senhoras que encontramos trabalhando em toda a parte.

Em Berne, por exemplo, depois de visitar as escolas, a universidade, as livrarias, os restaurantes, os estabelecimentos industriaes, a gente sente se com vontade de perguntar em que se occupam os homens...E os homens não estão ociosos; não existem vagabundos no paiz...

Ha trinta annos, um estadista celebre do antigo regimen, Francisco Belisario, impressionado com esse aspecto da sociedade helvetica, communicava o seu espanto em carta para a imprensa nacional dizendo que no Brazil a educação feminina era questão grave e urgente e que, sempre a cargo do homem, a mulher entre nós raras vezes é auxiliar e sempre onus, accrescentando que, numa população de mil pessoas, a metade, representada por mulheres, em nada concorre para o desenvolvimento economico da nação.

E o eminente politico,—repetindo a phrase de A. Toqueville quando affirmava deverem os Estados Unidos o seu adiantamento á superioridade das mulheres,—pedia calorosamente a instrução para estas em nossa patria, traçando, entre outras, esta phrase lapidar:

“quando se educa um homem, educa-se um individuo; quando, porém, da-se instrução a uma menina, prepara-se a educação de uma familia: difficilmente uma mulher que sabe ler deixa os filhos

“na ignorancia, como fariam muitos homens nas mesmas condições.

Francisco Belisario occupava-se largamente do assumpto, affirmando não ter visto jamais, entre nós, uma mulher livre em trabalhos ruraes.

Notara certamente esse facto no sul ; nas regiões do norte é commum ver-se o contrario.

Para quem observa os nossos costumes, não é estranha a corajosa actividade da mulher do povo, a rija iniciativa com que ella encara os mais arduos labores, a heroica resignação com que substitue o marido nas fadigas da lavoura e na superintendencia da casa.

Em regra, o nosso matuto não paga trabalhadores ; no sertão, principalmente, o pequeno roçado é feito pela familia e, quando o serviço urge, os vizinhos auxiliam-se, «trocam» os dias de trabalho, no mais patriarchal e bem entendido socialismo.

Uma das minhas surpresas quando comecei a viajar pelo interior do Estado, foi ver a alegria com que as nossas camponias pobres dedicam se ao trabalho rural, quer entregando se ao plantio e á colheita do algodão e outras culturas da zona do norte, quer encarregando-se de vijiar o gado que se recolhe ao aprisco, principalmente o gado ovino e cabrum, designado pela gente do centro com o nome generico de «criação».

Quantas vezes, nos bellos dias de taurina, parei junto aos milharaes ondeantes, não só para contemplar os tons verde—escuros daquelle mar de folhagem, como para interrogar á bronzea matuta acerca do mister a que tão corajosa e nobremente se entregava, sem uma ruga n'alma, sem uma queixa no olhar!

Depois, estugando o cavallo, sahia a pensar na meiguice dessa boa gente, tão hospitaleira e tão infeliz.

Se possuissimos um serviço completo de estatística, causaria pasmo a quantidade de mulheres que por ahi mourejam na faina da vida.

Ellas não se empregam somente na cultura da terra.

Quem quer que, aos sabbados, vá ao «*Passo da Patria*», nesta cidade, terá occasião de ver uma quantidade infinita de grandes e pequenos objectos de grosseira ceramica, trabalho de nossas patricias miseraveis, do qual vivem centenas de pessoas e que deve representar significativo valor monetario.

O aperfeiçoamento dessa e de outras industrias ainda em estado primitivo entre nós ja teria tentado alguem se fosse differente a nossa educação social e economica.

Com o tempo, certamente, poderiamos fazer disso uma pequena fonte de receita, porque ha excellente materia prima e collocariamos melhor o produ-

eto dando, por conseguinte, mais vantajosa renda ás operarias.

Por fallar em *renda*, minhas senhoras e meus senhores, não sei se já pensaram nesse outro mister a que se dedicam as nossas patricias do povo: os chamados trabalhos de almotada.

Esses trabalhos são consideraveis, e é pena não sejam methodisados, não appareça um negociante de coração e bastante habil para organizar uma officina em que as moças pobres possam aperfeiçoar a confecção de um producto bastante procurado no sul e no extremo norte, para onde é exportado em maior quantidade do que se avalia.

Além das mulheres industriaes e agricolas, ha as que se dedicam a trabalhos mais grosseiros e prosaicos, como, por exemplo, as que vivem entre nós de carregar lenha e fructos sylvestres de uma distancia espantosa, e as que se mantem á custa do mais doloroso esforço, curvadas ao sol, sobre a taboa em que embranquecem as roupas, nas lavanderias primitivas...

Ha, por fim, as mulheres commerciantes, que alugam pequenos compartimentos nos mercados, muito ladinhas, vendendo e comprando com um senso pratico admiravel.

A vida dessa gente dá um estudo serio, por mais de um aspecto curiosissimo, principalmente sobre o ponto de vista moral.

Quasi toda ella é victima da parasitagem do homem.

Geralmente, entre nós, onde ha uma mulher que trabalha, ha alguém, marido, amante ou filho, que a explora e não raro, a maltrata.

O povo que, para mim, continúa a ser o grande philosopho e o grande estheta, costuma dizer que todo marido de professora é preguiçoso.

Essa observação pode estender se, pelo menos na provincia, aos individuos ligados ás mulheres que, á custa do proprio esforço, sabem ganhar o pão de cada dia.

Nas classes pobres o facto é geralmente observado, cumprindo notar que o sujeito explorador raras vezes deixa de ser brutal.

E o peor é que nem por isso deixa de ser estimado; ao contrario, minhas senhoras...

O Jornal do Commercio de 11 de Maio de 1908, occupa-se demoradamente, numa *varia*, das pequenas industrias de que vive a mulher no Brasil.

Dous mezes antes—seja dito para satisfacção de minha vaidade—o mesmo assumpto me merecera a attenção num artigo em que eu expendia as idéas que ahi ficam.

O Jornal, referindo se ao prejuizo causado aos estabelecimentos importadores do paiz pela invasão dos *colis* postaes nos mercados do Rio e de outras praças

movimentadas, assignalava o facto de não termos ainda cogitado de legislar sobre as referidas industrias, de modo a garantil-as e a impulsionar o seu desenvolvimento.

Pelo contrario, a nossa legislação é toda no sentido de atrophial-as.

A actividade feminina é tão mal compensada entre nós que não sei como ha mulheres que trabalham.

As leis aduaneiras dão entrada mais ou menos franca a uma infinita variedade de objectos confeccionados no estrangeiro, taes como chapéus, luvas, rendas; por outro lado, ha taxas prohibitivas impulsionando industrias que não existem no paiz e durante muito tempo serão um mytho, cuja protecção prematura só serve para encarecer a vida nacional.

Os objectos acima citados eram fabricados largamente na capital da União.

A sua venda garantia a centenas de operarias uma existencia devotada ao trabalho.

Vieram os *colis* postaes; 90 % dos objectos referidos passou a ser enviado do estrangeiro.

Os *ateliers* se fecharam, a confecção de roupas brancas tornou-se mais custosa e sobreveio a miseria, resultando de tudo os males moraes que semelhantes situações costumam trazer.

Vale a pena citar um trecho do órgão fluminense :

«Ellas, (O *Jornal* referia-se ás pequenas industrias femininas) estão dispersas e traccionadas por todo o paiz, não têm representantes na opinião, não se reúnem para pedir a protecção das tarifas aduaneiras ; mas é facil calcular que o seu todo represente, em importancia e em pessoal, muito mais do que todas as grandes fabricas reunidas».

Conforme deixei dito, no norte do Brasil é extraordinaria a quantidade de rendas confeccionadas pelas mulheres do povo e, apesar do pequeno lucro que essa industria dá, o producto é regularmente vendido.

D. Julia Lopes de Almeida já teve occasião de tratar deste assumpto em artigo publicado n' *O Paiz*.

A insigne romancista, autora de tantas paginas admiraveis, lembrava a falta de aperfeiçoamento das rendas e do labyrintho, a monotonia do desenho, a inferioridade da linha, que podia ser de fio de meada, como é na ilha da Madeira e não de carritel, como entre nós.

Certamente os poderes publicos realizariam um acto de grande alcance social e economico si estimulassem as aptidões artisticas e a capacidade de trabalho da mulher brasileira, melhorando-lhe, por meio do ensino, as industrias com que se mantêm e facilitando, por todos os meios legais, o commercio dos objectos que fabricam.

Tal é, minhas senhoras e meus senhores, a psychologia da mulher do povo, as suas tendencias e pequenas industrias.

Na classe burguesa ella é a mesma creatura docil, criteriosa, vivendo obscura entre os filhos e o marido, de quem não é melhor auxiliar á falta de instrução apropriada.

Não temos aristocracia ; a candida senhora a que alludi no começo desta palestra pertence a uma classe especial de elegantes, a quem os medicos costumam receitar, com bastante exito, o uso do oleo de figado de bacalháu...

E se assim é a mulher brasileira, se é intelligente, honesta e trabalhadora, porque não educal a convenientemente, afim de que em breve se possa dizer della o que Tocqueville disse das americanas do norte ?

Nação que começa, temos graves defeitos de character, a vontade inconsequente dos povos sem disciplina ; e taes defeitos não podem ser eliminados por meio de reformas constitucionaes, do ensino secundario e superior ou por meio de mudanças de regimen eleitoral.

Temos de começar pelo principio, isto é, pela familia, de onde sae para a escola e para a vida, o homem de amanhã.

Á mulher cabe a tarefa principal nessa nova educação, mas como poderá ella concorrer efficaçmente para o fim desejado sem a necessaria cultura ?

Estimula a o divino instincto materno; ninguém mais pura e affectuosa que a mãe de familia brasileira.

Mas a educação domestica é uma sciencia, pede conhecimentos, intuição clara da vida em seus multiplos aspectos, pois que o ser humano, agindo dentro do Universo, precisa defender se de tudo, principalmente de si mesmo.

O proprio affecto das mães pode ser um mal; não raro assim succede, porque, si originado de falso sentimentalismo, acaba fazendo do menino uma creatura de vontade enferma.

É pensando nisso, encarando em seu conjuncto a vida social do Brasil, estudando o individuo e a collectividade, que se reúnem os fundadores da Liga, dispostos a empregar toda a energia de que torem capases para que se inicie no Estado uma campanha que forçosamente, cedo ou tarde, ha de conquistar a sympathia nacional.

No programma já conhecido do publico acha-se objectivado o nosso pensamento.

Em synthese. queremos approximar a escola da familia, de accordo com a melhor pedagogia contemporanea, e fazer da mulher, educada na simplicidade, no trabalho intellectual e manual bem orientado, um elemento destinado a melhorar a nação do futuro.

É facil prever o que será a nossa querida terra quando em todos os Estados

houver escolas populares em que sejam ensinadas ás moças diversas profissões, de accordo com as necessidades regionaes, alem da sciencia domestica.

Ver se á quanto é profunda a citada phrase de Francisco Belisario ; ainda mais, verificar-se-á que uma senhora verdadeiramente educada, com a exacta comprehensão do bem que poderá fazer, não prestará somente grandes serviços á propria familia, mas a centenas de pessoas, principalmente no interior dos Estados, concorrendo assim para a civilisação gradual do paiz.

Ninguem mais do que eu, minhas senhoras e meus senhores, é inimigo de acacianismos e de banalidades. Intelizmente, porem, taes banalidades precisam ser repetidas.

Temos alguma instrucção, mas quasi não temos educação; e sem esta é impossivel formar um grande povo.

Dahi, o doloroso contraste observado entre nós, não somente entre o litoral apparentemente civilisado e o sertão inculto, mas entre a sala e a cosinha ; nos grandes centros, entre o habito exterior e as condições materiaes do individuo. Vivemos de exterioridades. Para sentir bem isso, basta ir á Capital da União e estacionar meia hora na rua do Ouvidor, vendo passar o grande mundo que por ali tranzita, de passagem para a Avenida, ás quintas e aos sabbados.

Ha vestidos de grande preço apertan-

do cinturas delicadas; commentarios rubros e palestras viciosas, interrompidas, enquanto se diz um galanteio equivoco á formosa mulher que passa; joias custosas ornando dedos castos á hora em que, nas cidades verdadeiramente cultas, só as mãos peccadoras exibem-se cobertas de brilhantes; cavalheiros gentis, de calças sem joanetes, systematicamente envergando roupas novas, de bengalinhas envernizadas e algibeiras vacias; imbecis que saudam com espalhafato os conhecidos se os encontram em palestra com as celebridades do dia ou vestidos pelo ultimo figurino e togem delles ás leguas se os não encontram de botas engraxadas; moços bonitos de diversas classes e feitios, postados em casas conhecidas, exhibindo gravatas vistosas e mostrando os punhos alvos...

A tarde augmenta. As figuras succedem-se.

Terminou a sessão parlamentar do dia.

Passam os representantes nacionaes, como toda gente attrahidos pela estreita rua e pela larga avenida.

Discutiui-se longamente nas duas casas do Congresso.

O que? Personalidades? Se assim foi, reúnem-se grupos, interessam-se, interrogam; se não, se se tratou de algum serio problema economico ou social, a sessão não teve graça, não houve assumpto que valesse a pena.

E é talvez por esse motivo que as cousas praticas, de character nacional, de interesse positivo, resolvem-se modestamente nas commissões, á ultima hora, quasi a medo...

Certo o Brasil não é isso. Mesmo pela rua do Ouvidor, ao lado de tanto lixo polvilhado de oiro, passam, despercebidos é verdade, os grandes espiritos, os homens de trabalho, os intellectuaes de merito.

Mas o que resalta é o artificio, o ar de vagabundagem, logo apanhado pelo estrangeiro, especialmente pelo anglo-saxão, admirado de ver tanta pacholice ingenua, tanto luxo exhibido não nas grandes corridas, nas recepções, nos theatros caros, mas, simplesmente, nas ruas e nos bonds.

Si estudar o paiz, a admiração chegará ao assombro quando observar as nossas contradições economicas, a superficialidade de conhecimentos, o exhibitionismo em tudo, as academias com programmas pomposos que nem ao menos são lidos, uma porção de leis modelares, contendo os mais adiantados principios, mas nem sempre respeitadas; e, a dois passos da Capital-Federal, o sertão que começa, o Brasil esquecido, sem trabalho organizado, com oitenta e cinco por cento de analphabetos, morrendo a fome na região das seccas. miseravel e ignorante em quasi toda a parte.

Para verificar essa miseria não preci-

neste momento o que, de ha longos annos, vêm affirmando innumeros psychologos : as primeiras impressões são as mais duradouras e as que exercem acção decisiva sobre o nosso destino.

Comprehendendo isso, os povos adiantados resolveram orientar de modo diverso a educação feminina, dando á mulher não somente capacidade para se dirigir no conflicto da vida de hoje, que está exigindo maior robustez physica e maior energia moral, mas alguns conhecimentos positivos, dos quaes necessariamente resulta maior segurança na acção.

O estudo, mesmo elementar, das mathematicas e das sciencias naturaes dispõe o espirito para as realidades da existencia, desvendando-lhe horisontes novos, em que a alma se encontra com o mundo exterior, aprendendo facilmente a amal-o.

E esse amor é a vida nova, a extinção de preconceitos quanto á actividade familiar, o trabalho manual acompanhando o raciocinio, a imaginação disciplinada, conduzindo á realidade bem fazeja e não á inercia dissolvente.

Certo, não se deverá exigir da mulher excessivo esforço mental.

Si podermos fundar a Escola a que nos referimos no prospecto conhecido, esta não será nos moldes do *Simons College* de Boston, um grande estabelecimento

em que as moças americanas podem se dedicar aos mais elevados estudos.

É cedo ainda para tanto; e nem o meio social do Brasil tem necessidade de sabias e doutoras.

Creio mesmo, com M. Guyau, que possuindo menos força de reserva para concorrer ao despendio consideravel que o trabalho cerebral, levado além de certos limites, exige e sendo enorme a quantidade de energia que despende com as crises e os trabalhos da maternidade, a mulher não pode entregar-se a grandes esforços intellectuaes sob pena de atrophiarse, atrophando os seres a que physiologicamente está presa.

Todo o ensino constante do programma da Liga será mais pratico do que theorico.

Naturalmente, sem fadiga, as discipulas irão aprendendo sob a direcção de mestras estrangeiras, para quem não são uma vergonha o trabalho manual e os misteres que a nossa pessima educação de latinos estragados pelo trabalho escravo durante seculos faz julgar indignos.

A este respeito seja-me permittido dizer alguma cousa sobre o que vi em Friburgo. O que mais me interessou ali não foi o contraste, muito curioso, aliás, de duas linguas, a franceza e a alleman, traçando, por assim dizer, o limite dos dois bairros em que se divide a cidade, capital de um cantão limitrophe de dois

outros, tão differentes entre si, o cantão de Berne e o de Vaud, a raça gauleza e a germanica, com religiões differentes, com idiomas diversos, mas com um só destino,—a afirmação, cada vez mais real, do paiz a que pertencem. Ao penetrar a Escola Normal *Ménagère* de Friburgo senti logo o encanto, o bem estar que dá a casa suíça, em que, não raro, a decoração vegetal imprime uma nota pacificante de bucolismo, dando ao espirito do hospede um como aviso de tranquillidade, de trabalho silencioso, de ternura forte.

A directora, alta, robusta, muito a vontade no seu avental de dona de casa, enquanto me mostrava os diversos compartimentos da escola, ia respondendo, com bondade, sem constrangimento, as perguntas que eu fazia, lisonjeada talvez com a minha admirada curiosidade.

Começámos, naturalmente, pela sala simples e asseada e passámos a ver o gabinete ainda mais simples, apenas com alguns livros de sciencia domestica, as salas de jantar e de costura, o recinto das aulas, o dormitorio, o pequenino laboratorio de chimica e physica, o museu escolar, as secções de lavagem e engommado, a copa, a cosinha, o galinheiro, o jardim, o pomar.

Em cada canto eu ia recebendo uma lição, arrastando a minha inferioridade ao pé daquella senhora despretenciosa,

quasi humilde, sem vestidos complicados, mas com profunda cultura e admirável intuição da vida.

Penetrei a sala de medicina e hygiene no momento em que o professor terminava a prelecção do dia. As moças ouviam n'ó religiosamente; algumas ras-cunhavam notas.

Ao sahirmos, a directora me disse ser um curso muito simples de physiologia, principalmente de physiologia alimantar, pois que é indispensavel á boa dona de casa conhecer o processo organico da assimilação e desassimilação.

Era de ver a naturalidade com que ella passava de assumptos dessa ordem aos referentes á costura, ao engommando, á cosinha, á engorda de aves e até aos diversos meios de remendar e transformar as vestes de longo uso, porque, dizia ella, a verdadeira educação é a que ensina a moça a não considerar inferior qualquer serviço domestico.

Aquillo tudo constituia para mim interessantissima novidade; mas o que me surprehendeu de veras, foi a *pomponière*, um prolongamento da escola onde as alumnas vão ensaiar praticamente o que aprenderam na aula theorica de puericultura.

Dessa aula, ellas trazem noções de physiologia e hygiene dos recém-nascidos; faz se necessario, porem, para conhecimento da difficil psychologia infantil e para esclarecimento dessa longa

serie de problemas que se resumem nos cuidados necessários á nossa especie em sua primeira infancia, que as educandas acompanhem dia a dia, sob a vigilancia de mestras competentes, o crescimento dos meninos.

Sente-se bem o que ha de superior neste ensino, o que ha de delicado nelle pela bondade maternal que sugere, dando ensejo á educanda de acompanhar de perto a mysteriosa evolução da alma humana, ainda em começo, ainda infantil, ainda inconsciente, mas já soffredora, exprimindo num grito e numa lagrima o que mais tarde repetirá em soluços rythmados, em paginas admiraveis ou simplesmente na prece dos vencidos, na oração dos humildes.

E é para ver o cuidado, o zelo caridoso, a ternura fraternal com que as alumnas cumprem os seus deveres, aceitando sem hesitação os misteres que lhes são distribuidos, a verificação do peso, o aleitamento artificial, o concerto e o aseo da roupa e do leito...

Á noite, disse-me a directora, ellas revezam-se e, sem que mostrem o menor signal de fadiga ou de aborrecimento, velam os doentinhos, se os ha, ouvindo os conselhos do medico e aprendendo theorica e praticamente o meio de lhes fazer voltar a saude.

Não pude resistir á curiosidade, bastante simploria, confesso, de perguntar se havia representantes da alta socieda-

de entre aquellas mocinhas risonhamente atarefadas com trabalhos que a nossa ignorancia teima em julgar humilhantes.

Era indiscreta a pergunta ; mas, entre risonha e surpresa, a directora me respondeu :

—Todas ellas pertencem ás melhores familias do cantão. Em Friburgo, o ensino domestico é obrigatorio : frequentam-n'o as moças, ao sahirem da aula primaria, um dia por semana, durante dois annos...

Minutos depois, ao deixar a Escola, uma serie de reflexões se apresentavara ao meu espirito. Naturalmente, eu comparei o que vira ao que se passa no Brasil.

Recordava os nossos tristes methodos, fundados em irrisorias praticas mneumonicas, a ausencia de exercicios physicos, de trabalhos manuaes de character utilitario e a accção deprimente de taes methodos sobre a natureza feminina.

Não temos a escola para a vida ; e ao sahir do collegio com algumas noções de grammatica, de trabalhos delicados de agulha (de prendas, segundo os appellidam) e rapidos conhecimentos da lingua franceza, de musica e de desenho, a moça não tem aptidão physica nem energia para cuidar com vantagem dos irmãos pequenos, para auxiliar os seus na direcção do lar e, o que é peor, para reagir contra as surpresas do destino, mantendo-se por si, com incia-

tiva e coragem, se lhe vierem dias tormentosos.

Não ha, minhas senhoras e meus senhores, preocupação de moralista nestas palavras.

O problema da educação da mulher seria o mais serio dos problemas nacionaes, se não fosse apenas uma face da educação popular, começando pelos jardins de infancia e terminando pelas escolas primarias e technicas.

As idéas que se cruzavam em meu espirito naquelle momento eram as que acudiriam a todo viajante desejoso de aprender, mesmo sem pretensões a doutrinador ou a sociologo.

Ha pouco esbocei em linhas breves, de accordo com o logar e o genero desta palestra, mais de um aspecto da psychologia nacional, procurando accentuar quanto nos preocupam as exterioridades, defeito que nos leva quasi sempre a desastradas imitações e ao esquecimento do que realmente nos convem.

Quando se proclamou a Republica entre nós dizia-se que não estavamos preparados para o novo regimen.

Não estavamos, de facto ; achava se tudo por fazer. Esse tudo é o povo, a consciencia collectiva, a nação com o trabalho em ordem, o senso social formado.

Vinhamos de tres seculos de escravidão, mantida pelos "senhores" e por leis retroçadas até na mãe patria, vi-

ctima também da má orientação que a tornou esquecida em seu proprio continente, ella que deu ao mundo Camões e Vasco da Gama.

O periodo colonial nos trouxera a arrogancia dos capitães-mores e a audacia heroica mais semi selvagem dos primeiros desbravadores das selvas brasileiras, sem nenhuma visão social ou politica, levando os indios a ferro e a fogo, estugados unicamente pela febre de conquistas materiaes.

O primeiro reinado fora uma longa serie de luctas fraticidas, menos por culpa de Pedro I do que pelo impulso do espirito de autonomia que formara uma nova corrente historica, descobrindo novos horisontes á alma nacional, impregnando-a do exagerado nativismo que tornou o monarcha suspeito ao povo.

A ultima phase do imperio, presidida pelo magnanimo Pedro II, quasi toda de paz, não se caracterizou, infelizmente, por fortes rasgos de iniciativa social: a propria abolição, decretada pela Princesa, já estava quasi feita pelo povo.

E, durante esses diversos periodos de nosso desenvolvimento, as senhoras da classe burguesa, já pelas condições especiaes da epoca e já pela orientação dos governos, manteveram se sem appropriada educação, enervadas pela denguiça das mucamas—algozes inconscientes daquelles a quem procuravam agradar com

appellidos meigos, cantilenas melancolicas e estalinhos doces de cafunés.

Extineta a escravidão, havia uma lucta formidavel a encetar em prol da educação e da organização do trabalho, problemas complexos, como sabeis, de muitas faces, de aspectos multiplos.

Era uma phase nova que se abria ; e aos dencdados legionarios do abolicionismo competia prolongar a campanha, pois que o mal debe'lado era organico ; os seus terriveis effeitos iriam por diante, atrophando durante longos annos a energia vital do povo, carecedor então, mais que nunca, do amparo de seus guias espirituaes.

Um delles, o mais glorioso talvez, Joaquim Nabuco, teve uma como visão prophetica quando escreveu em seu livro tantas vezes notavel—O Abolicionismo—que o advento da liberdade seria apenas o inicio de um novo programma, dentro do qual os de seu partido, reconciliados com os adversarios da vespera, teriam de começar uma serie de reformas urgentes, relativas ao desenvolvimento intellectual, economico e moral do paiz.

Mas os liberaes adiantados marcharam para uma nova campanha, a da federação, em vez de organisarem a educação maternal, primaria e profissional do povo, a fim de que elle pudesse, em tempo, corresponder ás necessidades do regimen federativo.

Ainda nesse assumpto podemos notar o habito, originado da nefasta educação latina, de fugirmos ás minucias, ao lado material e obscuro dos factos, pregando no entanto, as grandes idéas, para as quaes se fizeram as palavras generosas e os arroubos lyricos.

Com a Republica, o problema da educação popular continuou insolúvel: attrahiram-nos outros fins, outros interesses de resultados immediatos e de feição brilhante.

Em vez de agir como a patria portuguesa, que acaba de reformar completamente o ensino nacional, começando pelas primeiras lettras, o governo provisório inverteu a pyramide, achou mais conveniente reformar as academias, permitindo continuasse aberto o abysmo entre as classes lettradas e o povo, sem nenhuma noção de solidariedade politica ou economica, sem consciente finalidade social.

Hoje, é mais do que urgente a acção conjuncta dos poderes administrativos orientando e estimulando a acção particular, como desejava o inolvidavel João Pinheiro quando, solicitando o auxilio dos conterraneos, provava mathematicamente ser impossivel ao Estado de Minas, aliás um dos maiores e mais prosperos do paiz, resolver por si, sem a coadjuvação de seus habitantes, o formidavel problema da instrucção.

Tenho ouvido falar da incompetencia

da União em materia de ensino primario.

Não é opportuno o momento para discutir o assumpto ; mas, quando essa opinião fosse verdadeira, seria util corrigir o erro gravissimo dos constituintes.

Os Estados como o nosso, pauperri-mos, não podem levar a todos os nucleos a instrucção necessaria, por melhor que seja—e é o nosso caso—a boa vontade de seus governantes.

Não ha, porém, verdadeira democracia sem instrucção. A mais bem-intencionada acção governamental ficará inutil, cahirá no vacuo se o povo a não souber comprehender, auxiliando os dirigentes ; e basta pensar que somos uma Republica de analphabetos para concluir que estamos em face de uma calamidade nacional. Seria o caso, digamol o sem ironia, de uma nova e original interpretação do celebre artigo sexto...

Ao sahir da escola de Friburgo, eu perguntava a mim mesmo porque fatalidade psychica vivemos a correr eternamente atrás de phrases feitas, que nos levam a inverter a ordem economica e social da nação, desorientada a falta de cultura.

Se imitamos os Estados Unidos, copiando a sua lei basica, citando a cada passo os textos constitucionaes e a jurisprudencia dos commentadores ; se queremos pensar com a grande nação americana, porque não agirmos como ella, que só é grande pela

instrucção que dá a seus filhos, porque fez da mulher uma força?

Ainda quando fossemos de encontro á Constituição seria o caso de imitarmos, neste particular, a Belgica.

O art. 17 da Carta Constitucional desse paiz de vida intensissima, determina que a instrucção ministrada á expensas do Estado, seja regulamentada por uma lei.

Mas nas provincias, nas communes, em toda parte enfim, crearam-se escolas technicas e profissionaes, cada qual com o seu programma e a sua orientação.

Que fez o Estado?

Em vez de juntil-as á pesada molle official, ao criterio absurdo, felizmente já desmoralizado, de leis centralisadoras que, por inadequadas, só fariam burocratas não sabedores do officio, passou a subvencional-as com liberalidade, reservando-se, naturalmente, o direito de fiscalisação.

A cultura do paiz venceu a opinião de alguns constitucionalistas retrogrados; e, graças a essa attitude, a Belgica, estreita a pequenina—duzentos e noventa kilometros na maior extensão e cento e oitenta na maior largura—é hoje o grande paiz industrial que todo o mundo conhece.

E vem de molde lembrar que educam-se nas escolas profissionaes belgas 19.312 mulheres...

Que dizer da Suíça, cuja lei básica amamos também citar, na nossa eterna preocupação de imitar—somentemente na forma—os países cultos?

Basta lembrar o facto da União subvencionar largamente as escolas populares, acrescentando que no formoso país helvético, quasi não ha analphabetos, emquanto que no Brasil é o contrario, quasi não ha quem saiba ler...

Percorrendo, minhas senhoras e meus senhores, o programma da Escola que a Liga pretende fundar, vê-se bem a nossa preocupação: instruir, mas principalmente educar a mulher, disciplinando-lhe a vontade ao mesmo tempo que se quer fazer della a principal guiadora dos filhos.

Não extranheis, minhas senhoras, a parte essencialmente pratica do programma.

É o que ha de melhor nelle: a cozinha, por exemplo, será a primeira a transformar-se quando for modificada a educação da mulher entre nós; e essa transformação importa, antes de mais nada, na hygiene alimentar, sem a qual ninguém pode viver feliz, como diria o bom homem Ricardo, mais para ser citado no Brasil do que os constitucionalistas americanos.

«Eu não tenho a minha filha para a cozinha» é uma phrase que ouvimos de quando em quando, em geral pronuncia-

das por mães de família sem recursos.

Solteiras, algumas moças aprendem um pouco de crochet, um pouco de gramática, lêem as poesias de Casimiro, os romances de Alencar e os dez ou doze volumes do *Manuscripto materno* de Escherich.

Em regra, como é extraordinária a bondade nativa da mulher brasileira, quando casada a moça adapta-se logo ao novo *meio*, passando a ser uma creatura diligente, muito affectuosa e honesta.

Mas nunca poderá realizar por completo o seu desejo de creatura boa porque falta-lhe o methodo, a cultura apropriada.

Nenhuma noção lhe deram de hygiene, de chimica e physica domestica, de medicina pratica e nem possue o menor conhecimento de physiologia infantil.

Optima esposa, excellente companheira, socia corajosa e fiel do lar, conforme a gorda phraseologia dos brindes ; mas faltam-lhe os conhecimentos necessarios á educação physica e espirital dos filhos.

É preciso descer a detalhes, meus senhores.

Que se vê geralmente entre nós ?

O homem prepara da melhor forma que pode os seus aposentos, o gabinete em que trabalha, a sala em que recebe os amigos.

Eis a falha de sempre : o gosto pelas

exterioridades. A cozinha, o lugar em que é solicitada a cada momento a presença da dona da casa, é a cousa mais anti-hygienica do mundo : quente, mal arejada, sem utensilios de facil asseio e, para cumulo, com o terrivel fogão de chapa espirrando tumaça, como dizem que o diabo expirra enxofre pelo nariz.

Ao lado, a cozinheira malcreada, enxugando, ao menor descuido da dona da casa, o suor na toalha destinada a limpar os pratos ou accendendo o cachimbo ordinario. Este é um dos motivos porque as senhoras odeiam a cozinha.

Esta, porem, deve e pode ser cousa muito differente.

Peço a vossa attenção para esta pagina da *Hollanda*, a obra celebre de Ramalho Ortigão. O grande escriptor achava-se no paiz cujo nome serviu de titulo ao seu magnifico livro. Convidado para jantar achou-se um dia em casa de Van Duyl, o maior jornalista de Amsterdam. E eis como elle conta o que viu :

“Às 7 horas, sentavamo-nos á mesa, na grande sala commum da familia, simultaneamente salão, sala de jantar, gabinete de leitura e sala de trabalho. A mulher do jornalista, tendo tirado da algibeira o molho de chaves poidas e reluzentes, servira-me da cantoneira um pão, um guardanapo e uma garrafa de vinho do Rheno.

Não se fazendo na Hollanda a minima porção de sacrificio ao apparato, e sendo

todas as mulheres *ménagères*, cada família não tem de ordinario mais que uma creada.

O serviço da mesa acha-se patriarchalmente organizado de harmonia com estes recursos.

Os dous pratos do jantar, além da terrina de sopa, poem-se de uma vez na mesa sobre as trempes de dous fogareos de alcool e cada um serve-se a si mesmo, na boa franqueza de amigo. E, de quando em quando, sinto no meu hombro um calor de mão obsequiosa e solicita: é uma das meninas filhas do casal, que se ergueu de seu logar para vir simplesmente, como em Homero ou como na Biblia, encher o meu copo ou renovar a minha ração de pão.

Às onze horas, a dona da casa guardava e fechava por sua mão na copa, depois de as ter lavado ella mesma, as finas porcellanas e os copos dourados do nosso café, enquanto o seu marido e eu, com o charuto nos beiços, os cotovellos na mesa, conversavamos ainda".

Esta sala de jantar servindo de gabinete, de copa e de salão, exprime bem a ordem, o methodo, a segurança e o pequeno esforço que a dona da casa emprega para dirigir o seu lar, porque lhe deram educação pratica em vez de lhe ensinarem grammatiquices.

Não está longe o dia, minhas senhoras, em que vos libertareis da cozinha antiga, essa tremenda prisão em que

nós todos vos temos enclausurado, todos, inclusive os graves professores de redingote e os doutores ainda mais graves, fabricantes de brindes em que a dona da casa, depois de soffrer horrores, ouve systematicamente a glorificação da mulher "em sua triplíce esphera"—a mulher virgem, a mulher esposa, e a mulher mãe!

Peço ainda a vossa attenção para a parte do programma referente á puericultura, uma arte e uma sciencia.

Por meio della, as senhoras aprendem a conhecer melhor a alma da creança e a cultivar-lhe a saude como o jardineiro cuida das plantas. A alimentação, o tratamento de urgencia, o vestuario, o leito, tudo o que é preciso para conservar a robustez physica e o consequente equilibrio moral dos meninos, merecerá empenho especial da Liga, se pudermos fundar a Escola Domestica.

O alcance desta iniciativa não precisa ser esclarecido.

Ea me derijo aos paes, especialmente ás mães de familia e não quero fazer a injustiça de os suppor indifferentes, tratando-se de um assumpto que entende directamente com a saude, com o futuro, com a vida dos entes a quem naturalmente mais adoram.

Fosse—com a vida—e affirmar uma grande, uma immensa verdade.

Ha immensas senhoras que inconscientemente assassinam os filhos, mesmo

nesta capital, talvez 50 % das creanças sejam sacrificadas pela ignorancia das mães.

Falle desta vez por mim o snr. inspector de hygiene, dr. Calistrato Carrilho; ouçamol-o em seu ultimo e bem documentado relatorio :

“Apurando-se na estatistica sanitaria de 1 de Janeiro a 30 de Setembro de 1909 331 obitos, 178, isto é, mais da metade dos referidos obitos, recahiram sobre creanças recém-nascidas até cinco annos.

Verificou-se o mesmo facto o anno passado. Em menos de doze mezes deram-se 569 obitos, dos quaes 332 foram de creanças daquella idade.»

É o facto, minhas senhoras, em toda a sua realidade esmagadora e pungente.

Bastava elle para justificar a tentativa da Liga, pois é por ignorancia dos pais que a maior parte desses pequenos seres desaparecem na morte.

Quem fallou ás mães dos cuidados que a sciencia aconselha em relação á hygiene alimentar dos pequenos ?

Quem lhes falou do perigo que ha em apanhar-lhes do chão a chupeta, consentindo que levem á bocca um objecto muitas vezes levantado do tijolo em que ha vestigios de escarros de tuberculosos ?

Com quem aprenderam a conhecer o que o choro delles exprime em certos momentos ?

Quantas vezes a creança soffre as con-

sequencias de pesada alimentação e, por chorar, obrigam n'a a ingerir mais alimento, sob o pretexto de que está gritando com fome !

Depois, é o jardim de infancia, onde devia começar a acção do poder publico por meio de educadoras dignas desse nome, capazes de comprehenderem que o problema do ensino é um problema moral, dependendo o exito não de leis e regulamentos, mas do methodo e da dedicação pessoal dos mestres.

Creio que no norte do Brasil não ha um só jardim de infancia. Não são demais, portanto, algumas palavras a respeito dessa instituição, da qual já se disse que actuando simultaneamente sobre a creança, sobre a mulher e sobre a familia está destinado a reformar a especie humana.

No centro de uma area arborisaça, podemos levantar um pavilhão simples, de facil architectura, muntissimo amplo, rindo pelos claros de altas janellas, onde a luz penetre em jorros, trazendo alegria e vida.

E eis dentro desse predio, para começar, duas professoras, santissimas creaturas que fazem do officio um sacerdocio e que, por amor das creanças, abandonaram a patria.

O methodo adoptado é o de Frœbel, que se resume em dar aos meninos conhecimentos uteis, ao alcance do en-

bryonario espirito delles ; trabalhos fa-
ceis, de accordo com a fragilidade orga-
nica dos pequeninos ; ensaios de dese-
nho ; cantos em côro, de notas simples,
apropriados á delicadeza dos pulmões
infantis ; exercicios gymnasticos e de na-
tação ; ensaios de agricultura.

Tudo isso ensinado sem livros, até o
ultimo anno, de transicção para a esco-
la primaria...

Tal deve ser a educação do homem e
da mulher na primeira infancia, na pha-
se vejeta sensitiva, quando as impres-
sões nos ficam de tal modo gravadas
no cerebro que nunca mais nos liberta-
mos inteiramente dellas. E o systema
ficebeliano foi justamente inventado, co-
mo sabeis, para as creanças de tres a
oito annos, quando poderão seguir ou-
tro que lhes faculte conhecimentos de
ordem mais elevada.

Pelo que ahi fica, dito ás pressas, com
a preocupação de não abusar de vossa
bondade, vê-se qual a directriz que tal
educação pode imprimir não somente no
individuo, mas na collectividade.

As escolas brasileiras, filhas legítimas
das portuguezas, tidas e havidas pelas
mais ignobeis do mundo, ainda são no
interior do Brasil em geral, verdadeiros
carceres dos quaes a creança têm pavor.

Quando queremos aterrar aos nossos
filhos, ameaçamos-os : *merino, vá para
a escola !* cuja significação é—*menino
vá para a cadeia !*

É vel-os, coitadinhos, em edificios mal arejados, sentados em bancos sem recosto, a fragilima espinha curvada, como que indicando que essa deve ser, durante toda a vida, a sua attitude.

É vel os, diante do mestre carrancudo, os olhitos piscos, já de myope, fitos sobre a carta do A B C e os dedos delicados apontando as lettras magras do alphabeto. Ali está o nosso homem futuro, tremulo diante do mestre como sel o á mais tarde deante das menores difficuldades da vida ; o homem que nos hade educar, que hade cantar as nossas dores e alegrias, de effectuar a troca dos productos nacionaes, de velar pela sorte mal segura dos enfermos, de julgar as nossas questões civis em face do direito e da cultura moderna...

Que educador. pergunto eu, que artista, que negociante, que medico, que juiz podem sahir dessa creança encolhida, em cuja rosto vemos desenhada a careta do medo, em cujos olhos estão gravados os traços idiotamente severos do mestre, dentro de um ninho estreito, malcaiado, de aspecto sinistro e desolador ?

Com o regimen de Frœbel, a creança é submettida mais cedo á disciplina, aprendendo suavemente a obedecer sem vileza, adquirindo habitos de ordem, de asseio, de methodo.

Neste assumpto, como em tantos outros, não nos podemos furtar á acção da mulher : é ponto para mim discutido

que ellas são naturalmente melhores educadoras da primeira infancia que o homem. Ninguém como ellas entende a alma infantil, esse conjuncto delicado de sentimentos em evolução e de idéas que despontam, com o assomero da alma accordando aos poucos para as duras realidades da vida. As mães seriam as melhores educadores ; desgraçadamente, porém, ninguém pensa nisso e sem cultura a missão dellas ficará incompleta.

À beira da existencia incompreendida e mysteriosa, a professora toma a criança e inicia essa educação dos sentidos intelizmente tão despresada pela maioria dos pais de familia no Brasil.

As creanças, sem distincção de sexo, devem ir para a escola ás oito da manhã e sahir ás quatro da tarde. Aqui, podem seguir esse regimen porque o methodo é de molde a enrijal-as.

Em vez da carranca e dos castigos infamantes ; em vez das quatro paredes estreitas e dos calabouços em que nos ensinaram a ler, ellas têm a ternura de uma alma que as comprehende, ambiente oxigenado, sombras de arvoredos a lhes dizerem que a natureza está ali perto, cantos de passaros e de cigarras lembrando que a escola não é uma cadeia e a vida é um bem.

Quando, entre nós, se falla da educação de filhos, já se sabe : é mandal-os para a aula com o unico fim de decorar depressa. Os músculos e as fa-

culdades mais nobres da alma para um lado : só a memoria começa a funcionar.

Disso resulta que o nosso homenzinho, dentro de pouco tempo, nos sae um máo sujeito ; se intelligente decora, sem comprehender bem, a grammatica mas, com as regras do compendio, vae logo odeiando os outros, como já odeia o mestre. e. o que é peor, a levar para a casa nomes e costumes obscenos, adquiridos no convivio de collegas mais velhos e sem educação domestica.

Nos primeiros annos de existencia a educação moral será mais facil ao pé da natureza, á luz do sol radioso.

Ali a mestra ensinará melhor a razão porque não se deve devastar os ninhos e furar os olhos aos passaros ; ensinará, por exemplo, que existem deveres para com os animaes, o que lembrará mais tarde ao homem não ser licito espancar o misero jumento fatigado do peso ; sobretudo, pela communhão do trabalho phisico, provará que a união faz a força e que a solidariedade humana não é uma mentira.

Ao pé dos canteiros, ella despertará a curiosidade infantil, encaminhando-a para as cousas uteis, acompanhando a existencia das flores, desde o plantio da semente, desde o começo da germinação até o fim, quando, as petalas murchas e o caule pendido, ellas recommecam a vida, obedecendo á mysteriosa lei que preside á evolução do cosmos...

Tal é, em ligeiro esboço, o jardim de infância, do qual tanto bem se ha dito.

Seria bemfazeja a sua acção sobre os nossos costumes. Approximar-nos-ia mais uns dos outros, preparando o espirito do homem de amanhã para a solidariedade consciente que nos falta nas relações sociaes e politicas, sem a qual não ha verdadeiro progresso nem civilisação...

-Tinha muito ainda a dizer-vos sobre as vantagens do ensino pratico, na parte especialmente referente á educação da vontade, do character, e á sua influencia no destino pessoal da mulher.

A hora, porem, se adeanta e eu não devo mais fatigar a vossa attenção.

Limitar-me-ei a repetir que a Liga continúa a pensar em formar creadas, não creadas doutoras, mas creaturas que, sabendo quanto é util e honesta a carreira que abraçaram, aprendam, com os conhecimentos inherentes ao seu modo de vida, a amar a profissão e a cumprir os seus deveres, na certeza de que nada ha de humilhante no trabalho que se lhe exige.

Essas pobres creaturas são accusadas injustamente. Padecem do mal de quasi todos ; falta-lhes a comprehensão exacta do mister que exercem ; são victimas remotas da escravidão, cujos effeitos permanecem bem claros em nossos

costumes, em toda a nossa existencia social.

As rapidas syntheses que acabo de ensaiar, as impressões que narrei, indicam, mais ou menos, quanto nos falta progredir e o caminho que devemos tomar.

Diz-se que o Brasil precisa de reformas politicas ; seria preferivel tentassemos reformas sociaes.

Estas, repito, devem começar pela familia.

Quando as extraordinarias qualidades moraes e intellectuaes das senhoras brasileiras forem aproveitadas por meio de uma educação forte e sã, em harmonia com a vida, ver se á a nação em marcha para um progresso impossivel de prever.

As talhas da obra constructora dos homens de boa vontade que, desde longos annos, vêm dirigindo os destinos do Brasil, talvez tenham a sua principal origem no preconceito romantico dos latinos, preconceito que nos levou até hoje a educarmos erroneamente a mulher.

Instruimol-a, quando isso acontece, para a sala e não para a casa ; não raro, seria melhor lhe não dessemos instrucção nenhuma, deixando-a entregue ás suas tendencias naturaes.

A Liga deseja, por meio de uma propaganda seria e systematica, corrigir tanto quanto possivel essa grave anomalia, convicta como está de que gran-

de parte dos nossos defeitos de sociedade communitaria será eliminada no dia em que a mulher puder cuidar de seus filhos e de sua casa, amparada por solida e forte cultura

Não nos detenhamos deante da affirmação de que o nosso tentamen não vingará, por contrario aos costumes nacionaes. O raciocínio é infantil.

Na phrase de um dos grandes preconizadores da Escola Nova, François Guex, o systema educacional que se fixa, immobilizado pela rotina, é uma cousa morta ; deve ser um organismo vivo, evoluindo com as necessidades collectivas, sempre attento á realidade variavel.

Proclamámos a Republica, mas não demos á nação a cultura correspondente ao regimen democratico : dahi esse contraste entre as leis e os costumes, e o desinteresse do povo pelos seus proprios destinos.

Quanto ao poder da educação, ahi está, entre milhares de exemplos, o da nacionalidade japonesa, servindo se de conhecimentos de raças inteiramente diversas, para obter sympathia e respeito em vez do desprezo de outro'ra.

As sociedades são seres vivos, conjunctos biologicos, de órgãos e cellulas obedecendo á leis que, se não foram completamente descobertas, serão mais tarde ; e todo organismo é susceptivel de evolução, tende a crescer e desenvolver-se, movido por forças interiores em lucta

com o meio externo, com os agentes physicks e moraes que o cercam.

Assim, as energias espirituaes do homem, sendo um producto da natureza cega, tendem a alargar-se e a desenvolver-se, ora pelo estudo, ora pelo cruzamento, pela differenciação consciente ou inconsciente.

O corpo humano é um aggregado de órgãos a serviço de uma intelligencia: assim também, no dizer de Novicow, as collectividades são um conjuncto de instituições economicas, politicas e judicia-rias a serviço de uma cultura intellectual e moral.

Injuriam a nossa gente os que julgam-na incapaz de progredir. Temos grandes defeitos, mas não pequenas virtudes. As nossas faltas mais graves não estão no povo,—que produz corajosamente, arrancando ao solo, com os instrumentos de quatro seculos de rotina, o dinheiro que mantem o Brazil,—e sim na maioria dos jornalistas, dos litteratos, dos legisladores, das classes dirigentes, enfim, alheias á formação social da patria, ao seu meio physico, á sua historia.

Quem relê as chronicas do inicio da sociedade brasileira encontra o aborigene pasmando o frade com a sua dedicação e faculdades assimiladoras, o africano, cheio de bondade, formando a agricultura sob os pesados grilhões do captiveiro e o portuguez sobrio e trabalhador, atrophiado embora pela

falsa cultura que nos transmittiu e da qual o não podemos criteriosamente accusar.

Os dirigentes, em vez de estudarem as aptidões do povo, a sua capacidade, o seu estado mental, divorciaram-se d'elle desde o começo, deixando-o ao desamparo, analfabeto ou sob o regimen desnacionalizador de imitações funestas. As nobres qualidades da valente sub-raça a que pertencemos, não foram melhoradas por meio de uma educação humana; as industrias nativas não foram aperfeiçoadas; e perdemos a consciencia da nossa força, abattido o caracter, diminuida a vontade.

Esta existe, comtudo, por felicidade nossa; sempre existiu, embora intermittente e desordenada.

Provam-no, entre muitos factos, as reacções imprevistas, a singular resistencia dos Palmares, a tragedia de Canudos; e, seguindo outra ordem de idéas, a obra material da Republica, é um testemunho consideravel da nossa capacidade de acção.

Precisamos, porém, robustecer, disciplinar, orientar essa vontade, habitual-a á energia continuada, com objectivo logico, racional. Precisamos dar consciencia, por meio da educação, á essa collectividade heroica e desgraçada que se arrasta pelo interior do paiz, especialmente pelo desditoso norte; collectividade na qual é um crime não ter

confiança, porque foi ella o principal factor da integridade brasileira no tempo dos holandezes, a salvadora da honra nacional nos campos do Paraguay e, ainda agora, rota, combalida, engeitada da patria, acaba de nos dar o territorio do Acre, presente de nababo entregue á nação por miseraveis em sua maioria expulsos pela fome da propria casa.

Falei ha pouco do Brazil esquecido.

Seria injustiça deslembrar o que se começa a fazer.

Já se installam escolas agropecuarias, já se legisla no sentido de melhorar a nossa vida rural e se fundam centros agricolas.

O sertão começa a ser lembrado, esse fecundo e admiravel sertão brasileiro, em cujo solo se agita um povo dotado de rara bondade, intelligente e assimilador, no qual eu tenho uma profunda e inabalavel fé.

Para ser grande esse povo só falta educação, e para que esta se torne efficaç deve ser distribuida pelos dois sexos, moldados os conhecimentos ás necessidades de cada porção territorial.

Assim, amaremos melhor a patria ; e a seiva da terra, fundida com a energia dos habitantes, rebentará em fructos nos campos e em esperanças no coração do homem.

A vós minhas senhoras, esta nova e augusta maternidade : a formação social do Brasil de amanhã !

Em seguida a esta conferencia, o Senr. dr. Meira e Sá, integro Juiz Seccional e ex-senador da Republica, tendo sido indicado pelo exmo. Governador para, com outros cidadãos, fazer parte da Commissão Organizadora, encarregada dos trabalhos preliminares da Liga, pronunciou o seguinte discurso :

Exmas. Senhoras, meus Senhores.

Tranquillizai-vos : serei breve.

Usando da palavra, não me proponho e fazer uma segunda conferencia—o que seria impertinente, de todo o ponto escusado.

Nem mesmo tenho por fim sombrear, para maior realce, este bellissimo quadro que se debuxa deante dos meus olhos, no qual se destacam, como um proveitoso ensinamento, a pessoa do digno Governador do Estado e as de distinctissimas senhoras e gentilissimas senhoritas.

Aliás, com este simples intuito do contraste, quero dizer da sombra em tela inspirada, pondo em maior relevo, se possivel, a bel'eza da paizagem e a inspiração do artista, não m'o recusaria eu, de certo.

Mas, ainda assim, para tanto, seria preciso arte.

Sim, arte delicada e difficilima, de sombrear em todos os tons, onde fôra pre-

ciso sombrear, aqui, alli, acolá, a tela inteira, sem lhe diminuir o effeito.

E arte, senhores, se em moço não logrei, nunca, a suprema ventura de conquistá-la, loucura fôra, certamente, tentá-la, quando sobre a fronte já me vai descendo a neve bemfazeja e consoiadora da idade...

Como aos moços, tão facéis de doces illusões, já não seduzem aos que se aproximam do inverno da vida, com a mesma facilidade, as cousas, ainda mesmo as mais attrahentes,—se, por ventura, não trazem o cunho da verdade austera e real,—se, por entre as lentejoulas que encantam os sentidos, não espontam as primicias de fructos sadios no futuro, as lições proveitosas que vão desabrochar mais tarde, como sementes fecundas, na realidade da vida, quero dizer—no seio e em beneficio da sociedade, que é o ambiente unico do homem no planeta.

Neste caso está, senhores, a Liga do Ensino, que ora se trata de fundar em nossa modesta capital, em bem do Estado, e cujo thema foi brilhantemente esplanado na conferencia, que acabamos de ouvir.

Ora, tudo quanto é essencial e intuitivamente bom; tudo quanto é nobre e grave, abnegado, proveitoso e santo, congrega em torno de si todos os espiritos, attrahe, como o iman, todos os

estorços, todos os applausos, todos os affectos, todos os carinhos.

Explica se, dest'arte, a concurrencia, direi melhor, o esplendor desta selecta reunião, a que vieram dar significativo realce o comparecimento do primeiro magistrado do Estado e do Pastor diocesano, honrando-nos sobremaneira, e honrando a si mesmos pelo desvellado interesse que os seus nobilissimos e generosos espiritos manifestam a quanto tem por fim melhorar e engrandecer o Rio Grande do Norte.

Sejam, pois, bemvindos nesta casa !

Tanto mais quanto nada mais concorre para o nobre *desideratum*, a que me venho referindo, do que a causa sagrada do ensino, como ella deve ser tratada e encaminhada—a começar pela base, isto é, pela delicada, conveniente e adequada educação da mulher.

Notai bem, que eu digo : a começar pela base, pela delicada, conveniente e adequada educação da mulher.

O assumpto já foi, neste particular, por completo desenvolvido pelo orador encarregado de fazel-o, officialmente, perante vós.

E, comquanto houvesse talado um imaginoso e querido poeta nosso, bem ouvistes—quasi poderia dizer—bem visteis, que a Liga do Ensino não emprehende a descoberta do Velloco de ouro da *illusão* e da *fantasia*...

Emprehende, bem longe disso—coisa

muito differente. Em verdade, muito difficil, e, ao mesmo tempo, sob certo ponto de vista, facil, uma vez que não falte a bôa vontade, a confiança e o effectivo concurso de todas as classes e dos corações bem formados.

Tem em mira a Liga do Ensino um intuito, sem duvida bellissimo, mas eminentemente positivo, de resultados practicos, que eu penso poder synthetisar em poucas palavras, dizendo :

Propõe-se a ministrar ás nossas patricias o que mais lhes convem bem saber hoje para que possam bem fazer amanhã.

Não é uma formula, é um enunciado synthetico. E se por ventura elle precisa de maior clareza, eu accrescentarei algumas palavras para tornar, tanto quanto possivel, transparente o meu pensamento.

Se nascemos, senhores, para a sociedade, que é—conforme já o disse—o ambiente unico do homem no nosso planeta, claro é que toda a educação que, de par com a formação de um organismo forte e de um espirito affeioado á pratica do bem e das sans virtudes christans, não tiver como objectivo e *finalidade* ensinar o que hoje cumpre bem saber para melhor desempenhar amanhã, será, se não for, pelo menos inutil ou—sem real provcito—na phrase do erudito Minet.

Ora, a verdade incontestavel deste

conceito, ajusta se tanto ao nosso sexo, como ainda mais perfeitamente e com mais fortes motivos, ao vosso bello sexo, minhas senhoras. Porque—e não vae nisso nenhuma galanteria inutil, mas um enunciado que tem exactidão mathematica—, porque, dizia eu, da educação da mulher depende o presente e o futuro da humanidade

Real nente,—que é a mulher ?...

.....

Ora, trazia eu o proposito de dizer vos muito poucas palavras, e já me vou perdendo em demonstrações complicadas, talvez em demasia...

Prova é esta, senhores, da verdade da philosophia popular, quando diz: *Razão pucha razão, e melhor é calar que discursar...*

Como quer que seja, vejo que, sem o querer, atirei o barco n'agua... ; e agora, tomado pelo engano das vagas, para o não ver arrebentar se nas pedras, preciso se torna fazel o bordejar um pouco, entretendo dispretenciosa palestra com-vosco, minhas senhoras, em busca de uma protectora enseada, onde o possa ancorar, sem maior desastre.

Parece me estar lendo no riso dos vossos labios, e mais na expressiva linguagem dos vossos olhos, que bem são o espelho d'alma, minhas senhoras, a insistente exigencia de resposta á interrogação que me escapára, e que a mim pro-

prio se me está representando a figura de um laço incautamente armado.

Para desembaraçar-me,—ai de mim ! não mantenho o tolo orgulho do homem —de desdenhar o vosso generoso auxilio, que antes me apraz, supplicando, até, a vossa benevolencia.

—Que é a mulher ?—como que estou a ouvir agora, da vossa parte, inquirindo a resposta.

É bem natural essa insistente curiosidade ; porquanto já uma mulher de muito talento a par de muito espirito feminino, quero dizer—delicado e subtil,—Mme. de Stael, autora de *Delphina*, de *Corina* e do bellissimo livro *da Alemanha*, affirmára que nada mais aguçava a curiosidade da mulher do que saber o que, ácerca do seu sexo, pensa o homem.

Pois vejamos..., contando eu. com a vossa carinhosa bondade, que é já uma doce esperança de salvação minha.

Nós, os homens, minhas senhoras, não raro, nas allucinações nossas, e, mais frequentemente do que se pensa, nas nossas fantasias (bem estaes vendo que procuro falar com imparcialidade], temos embrulhado um pouco este thema, e dificultado ainda mais a resposta ; a qual, entretant., não me parece, de todo, uma esphinge.

Mas, antes de dizer—*o que é a mulher*, permitti que eu comece por dizer, ou mesmo prefira affirmar—*o que ella não é*—, segundo erradamente andam, por

ahi além, propalando uns estonteados e fantasistas, em damno vosso, e, o que mais é—em prejuizo vosso, minhas senhoras.

A mulher não é “o anjo caído do Céu”, conforme dizem os sonhadores, acostumados a idealizar e a divinizar todas as concepções humanas.

E, não é tal “o anjo caído do Céu”, porque só poderia dar-se tão extraordinaria cousa—por indesculpavel descuido, que eu me recuso accetar com facilidade para não culpal-a ou incriminal-a sem fundamento certo.

Tão pouco é, ella “a rainha da terra”, como dizem outros fantasistas, menos ingenuos e realmente perigosos; os quaes assim o proclamam—só de palavra, na febre do baile, com o fim de enganar-a, creio que não erraria dizendo. É esse um titulo de mero effeito no rodopio estonteante de uma walsa, que sacode e perturba todas as idéas, para depois e muitas vezes logo em seguida depor a rainha—do seu bello throno. sem dó, nem piedade...

Menos é ainda “a escrava do homem”, como entendiam os povos da antiguidade e ainda hoje, de facto, muitos do meu sexo a consideram e tratam; porquanto, se assim a procuravam e procuram, degradar, certo é que começam degradando a si proprios. Verdade é que não faltam justificativas para todos os despropósitos; e para este já vi apon-

tar-se, até, um versículo do grande *Apostolo dos gentios*, que reza : "As mulheres sejam sujeitas a seus maridos, como ao Senhor."

Esta exegese dos que, sem nenhuma cerimonia, se arvoram em interpretar os textos biblicos ao sabor dos seus appetites, a mim, me parece ser grosseiramente barbara e barbaramente falsa.

S. Paulo, o inspirado e fervoroso Apostolo do Christianismo, não podia pregar, em nenhum caso, cuido eu, a escravidão da mulher, a quem, aliás, o divino Mestre, revolucionando as idéas da epoca, restituira a personalidade, e, com esta, todos os direitos inherentes á natureza humana.

Assim, a sujeição que elle recommendava—da mulher ao marido do mesmo modo que ao Senhor—, accrescentando: "Bem como, pois, é a egreja sujeita a Christo, assim o sejam tambem as mulheres em tudo a seus maridos" (1)—era a sujeição pelo amor, que o sublime convertido de Damasco bem sabia ser o condão magico, certo e unico de domar esse eterno *gentio*, que é o homem...

E, com tão maravilhoso effeito e inextimavel vantagem, que é sublimada ventura, quem de vós—gentilissimas patricias—se recusaria triumphar—sendo *sujeita*, para, de facto, ser *senhora* ?...

Tambem não é—permitti que o diga, minhas senhoras, com toda a reveren-

(1) Epistola aos Ephesos, V, vv. 23 e 24.

cia—tambem não é a mulher—a *santa* que deva cobrir o rosto e ninchar-se num claustro esquecida, inteiramente, da sociedade.

Não é!

Bem comprehendéis que se todos vós fizesseis assim, nós—os homens—seríamos naufragos inconsolaveis, chorando, com razão, na lembrança da ventura de vos ter possuido, a indizível desventura de perder-vos para sempre, ainda que fosseis todas, todas, direitinhas, para a bemaventurança do Céu...

Exilio nos fôra cruelissimo! Peior, mil vezes peor—do que o primitivo desterro do Primeiro Homem, no Paraizo Terreal, quando só, sem uma companhia que lhe escutasse a voz, com quem trocassem idéas e olhares amigos...

E tão grande foi a tristeza de Adão. para quem, aliás, fôra creado o Eden, com todos os seus encantos, segundo o Genesis, que Deus—pai amantissimo, condoendo se do seu isolamento, da sua profunda solidão—em tão *populoso deserto*—, para o consolar, fez da propria carne delle, em momento de cansado somno, a primeira mulher, nossa mãe Eva, que, devêra ter sido, e de facto foi, a mais bella de todas as mulheres, como feitura apurada das mãos do proprio Deus.

Ora, se assim foi a tristeza desconso-
ladora de Adão, antes da fortuna de co-
nhecer a adorada companheira que o

seu espirito, suspirando e adivinhando, procurava por toda a parte, qual não seria a tristeza nossa—na dobrada desventura de perder-vos, depois da ventura de conhecer-vos e possuir-vos?!...

Mas, prosigamos.

Muito menos, ainda, é a mulher "igual ao homem", como está, por ahi além, a pregar o *moderno feminismo*.

Não ; não é, absolutamente.

A *igualdade* é uma relação mathematica entre cousas ou seres *realmente iguaes*. Ora, a mulher não é, evidentemente, igual ao homem...

Affirma-lo, é uma... não sei como diga... é uma cruel e enganadora mentira.

Mentira, deixai que vol-o diga, bem semelhante a que a serpente pregou aos nossos primeiros pais, no Eden, com o malevolo intento de encher-os de orgulho e perdê-los, como aconteceu.

Ora, desta nova mentira, minhas senhoras, têm nascido concepções falsas e conclusões ainda mais falsas. E se umas, são apparentemente innocuas, tal como a que trouxe a febre da moda, animando vosso bello sexo a disputar-nos, de par com a posse de todas as profissões grosseiras, a dos nossos proprios *culções*, dos paletós prosaicos, dos chapéus de cano alto, de copa larga e abas longas, levados ao exaggero *ultra*, inconcebível, de esconder-vos, de todo, o rosto delicado e gentil,—outros se me afigu-

ram um verdadeiro *presente grego*, além de perigosísimos.

Entre estas está, por exemplo, a que pretende immittir a mulher na posse do chamado direito politico do voto nos comicios eleitoraes... Um verdadeiro *presente grego*, uma, verdadeira desgraça —para vós e para nós!... Porquanto, em verdade, e por fim, o tal *direito* não passa de um euphemismo,—é direito só *no papel*; e quando, mesmo, real e verdadeiro, traz encargos taes que são verdadeiros fardos,—os quaes, cruza de fôra, atirar sobre os vossos hominhos, feitos para a candura e para os mais puros e doces affectos.

Ora, minhas senhoras, esse chamado direito levar-vos-ia em linha recta e fatal aos lances mais arriscados, deixando o lar deserto.

Não, minhas senhoras; não vos dei-xeis, nunca, tomar de orgulho para igual-lar os homens em semelhantes cousas. Preferi sempre a pureza, a tranquillidade, a santidade do lar, onde verdadeiramente se moldam e se formam os corações, o character e a intelligencia dos *pequeninos*, que amanhã serão os sustentáculos da Patria o amparo da vossa velhice, a doce e indisivel ventura dos ultimos dias da existencia—abençoando as acções meritorias dos nossos filhos, revendo nelles—dignos, abnegados, valerosos e bons—o fructo querido do vosso sangue, dos vossos conselhos, do vos-

so amor, das vossas vigílias, cansadas e constantes, por amor delles.

Mas, bem se está vendo, e melhor o estaes sentindo, minhas senhoras, com a intuição característica do vosso sexo, que, para chegar a este resultado, é preciso achar se a mulher aparelhada, devidamente, pela educação ; e, pois, educar a mulher é concorrer para a educação da prole com todos os conseqüenciaes ou corollarios logicos, naturaes e fecundos do beneficio social.

Tal é o objectivo da Liga do Ensino, a qual, por isso mesmo, está a merecer todo o vosso auxilio e desvelado interesse.

.....
Tenho dito, até aqui e exemplificativamente—o que a mulher *não* é.

Não quero que acrediteis que me servi de um estratagemma, enganando-vos (do que me livre Deus em qualquer hypothese) para fugir, eu proprio, á difficuldade de dizer—o que ella é.

—Que é, pois, a mulher ?

Encaro de frente o problema, e respondo, ainda agora, com a maior franqueza e sinceridade.

Não tenho a respeito, confesso, opinião individual bem firmada ; faltam-me, para isso, certos dados, e não quero, sem auctoridade propria, arriscar-me a dar uma definição, que é—quasi sempre perigosa, por incompleta ou não abranger todo o definido—disse o, já, como prudente conselho, o fino e profundo

senso pratico do jurisconsulto romano.

Nem é, precisamente, de uma definição que se trata.

Mas penso que não estarei errado affirmando, com apoio no *Genesis*—o mais admiravel e sublime de todos os livros—, e no testemunho insuspeito e qualificado do Primeiro Homem, que a mulher é—a socia e companheira do homem.

—“A mulher que me deste *por companheira*..., disse Adão, respondendo ao proprio Deus que o interrogava, depois da fatal gulodice em que cahiu, comendo o fructo da arvore plantada no meio do Eden.

“...Ella” (acrescentou elle, nura momento de perturbação e de lastimavel iraqueza] “ella me deu o fructo e eu comi.” (2)

E verdade fosse esta desculpa, minhas senhoras—acredito bem que me haveis de dar inteira razão nesta parte—verdade tivesse sido a nefasta gentileza ou a inexperta liberalidade de Eva, nunca lh’a devêra ter lançado em rosto, o Primeiro Homem, accusando-a. e fazendo com que, assim, mais aggravada. para ella, fosse a terrivel pena : “...serás sujeita a teu marido, e elle te dominará.” (3)

D’ahi, sim. nasceu a presumida e feroz escravidão das representantes do vosso

(2) *Genesis*, III, v. 12.

(3) *Idem*, *idem*, v. 16.

sexo no mundo antigo ; pois que os descendentes de Adão—parciaes e pouco generosos para com a nossa Mãe commum, continuaram a enxergar na sublime e desventurada co-ré a principal culpada da terrivel catastrophe do Paraizo, e, por sua vez, lhe carregaram despiadadamente a mão, durante muitos e dilatados seculos. Provam isso, a legislação e os costumes dessas epocas longinquas mesmo entre o povo romano, em cuja alma, aliás, brilhou, com excepcional e intensa luz, o sentimento juridico mais apurado.

Mas, como quer que seja, realizada, como foi, com a vinda do Messias. a prophesia : “Ella (a mulher) te hade esmagar a cabeça. e em vão tentarás mordel a no calcanhar”. e firmado, ainda mais, o principio geral da *fraternidade*, bem se vê que—restituida fôra á mulher, em toda a plenitude, a sua primitiva *personalidade*. Por consequencia—“socia e companheira” sobretudo, agora, na *labuta da vida* é o que ella voltou a ser do homem, após o Christianismo ; o qual, por isso e para isso, dignificou os dous sexos instituindo o preceito monogamo.

De facto, a doutrina de Jesus—já eu disse alhures—fallando ao coração do homem, abrio-lhe os olhos d'alma, ensinou lhe a ver a mulher tal como fôra creada—companheira e socia da vida—, a amal a, mais pelas bellezas moraes impereciveis do espirito, do que pelos

encantos fugazes da carne, que esmaecem com os annos, como as florinhas batidas pelas lufadas do estio. (4)

São tambem disto provas eloquentes a legislação e os costumes dos povos modernos, influenciados—conforme a insuspeita e autorisada opinião do profundo Savigny—pela nova e amoravel doutrina.

Tal é, cuido poder affirmar,—tal é, na essencia, a concepção juridica actual, no mundo culto, relativa á posição da mulher em face do homem.

E se essa concepção se não apresenta ainda traduzida com toda a nitidez desejavel nos modernos monumentos legislativos, é isso simplesmente devido á circumstancia, minhas senhoras, de nos acharmos, nós os homens, que somos os legisladores, muitas vezes, em contradicção lastimavel com os nossos proprios postulados, como com os nossos sentimentos.

Prova é, ainda, daquelle conceito—deixai-me acrescentar, com o mais justo devanecimento e a mais viva satisfação—este edificante certamen promovido, em bôa hora, para a fundação da Liga do Ensino—com o objectivo unico, abnegado, reparador e santo da educação profissional da mulher.

Em verdade, que ha mais nobre, mais alevantado e mais proveitoso para a

(4) *Conferencia* sobre o sabio jurisconsulto Augusto Teixeira de Freitas, Natal, 1900, pag. 30.

nossa sociedade do que esse *desideratum*? Que mais digno de applausos, de animação, de auxilio da parte dos Poderes Publicos, e, sobretudo, mais merecedor dos nossos desvellos e dos nossos carinhos, minhas senhoras?

A Liga do Ensino, conforme ouvimos da substanciosa conferencia do Snr. dr. H. Castriciano e dos prospectos já divulgados, tem um programma proprio e integro, que é, para nós—inteiramente novo. A sua acção não se limitará á nossa capital: como a luz do sol, que é de todos e a todos aproveita, reflectir-se á benefica em todos os nossos municipios.

É porventura difficil o seu objectivo; mas nenhuma duvida que é bellissimo, pratico, necessario e da maior utilidade. Certo, que os preconceitos e a rotina augmentarão essa difficuldade, e eu bem sei que elles são como lepra: não se deixam vencer facilmente.

Cuido, porém, poder significar vos, senhores, com segurança e fé, que, com a collaboração dos bons e preciosissimos elementos felizmente abundantes no nosso meio, faltando-lhes, somente, dar-lhes cohesão e unidade, a bella instituição conseguirá alcançar a meta desejada, colherá, afinal, os fructos deliciosos e preciosissimos que os seus organizadores esperam, em beneficio do nosso Estado e da Patria.

Laborêmos, pois, senhores ; e, se é necessario, confirmemos, mais uma vez, a verdade deste bello conceito de Tolstoi : —para trabalhar com convicção é preciso trabalhar mais para os outros do que para si.

As mais respeitosas saudações aos que nos deram a honra do comparecimento nesta reunião, e, com especialidade, sinceros agradecimentos aos Exmos. Srs. Governador do Estado e Bispo Diocesano.



NOTAS

«A distribuição do trabalho nesse paiz explica o seu consideravel progresso...»
 Não tendo presente o ultimo recenseamento da Suissa, realizado este anno, baseei-me no de 1900. O quadro seguinte mostra a divisão do trabalho nessa republica admiravelmente organizada :

	TOTAL	HOMENS	MULHERES
A. <i>Extração e produção da materia prima</i>	1.100:910	586:578	514:332
Exploração de minas e outros productos brutos do solo	12:323	7:702	4:621
Agricultura e criação do gado, jardinagem.....	1.067:905	566:682	501:223
Silvicultura, caça e pesca.....	20:682	12:194	8:488
B. <i>Transformação da materia prima</i>	1.383:666	676:976	706:690
Industrias alimenticias.....	129:797	68:791	61:006
Roupas e objectos de toilette.....	208:757	63:658	145:099
Construção e moveis.....	426:401	259:967	166:434
Industrias textis.....	270:114	95:243	174:871
Industrias de papel, couro e gomma elastica.....	13:745	7:226	6:519
Outras industrias e productos chimicos não alimenticios	25:925	13:965	11:960
Metallurgia, machinas e instrumentos mechanicos.....	275:892	150:261	125:631
Artes graphicas, encadernação e cartonagem.....	33:035	17:865	15:170
C. <i>Commercio</i>	285:486	119:440	166:046
D. <i>Vias de comunicação, transportes</i>	167:278	90:712	76:566
E. <i>Administração publica, sciencias, bellas artes</i>	170:333	73:565	96:768
Administração publica geral	45:026	23:151	21:875
Escriptorios, tabellionatos, gerencias.....	10:059	4:773	5:326
Hvgiene e medicina....	30:398	10:421	19:977
Instrução e educação.....	54:027	20:632	33:395
Cultos.....	15:322	6:433	8:889
Outras profissões liberaes.....	4:160	2:060	2:100
Bellas artes.....	11:341	6:135	5:206
F. <i>Serviços pessoaes e outras profissões mal determinadas</i>	20:660	5.884	14:776

PAC. 19

"Ellas (as industrias femininas) estão dispersas e fraccionadas por todo o paiz ; não se reúnem para pedir a protecção das tarifas estrangeiras..."

É um facto ; e ha no Brasil innumeras creaturas femininas que trabalham e penam, sem legislação especial que as protejam.

Em compensação, senão estou em erro, ha no Rio um partido republicano de mulheres e, sempre que apparece uma lucta partidaria acirrada, as senhoras formam grupos, assignam telegrammas politicos, fazem o dissolvente apprendizado eleitoral.

Seria bem melhor que as senhoras brasileiras organisassem uma associação como a *Société d'Utilité Publique des Femmes Suisses*, cuja acção tem sido decisiva nas questões de ensino, de hygiene familiar, e de outros interesses propriamente femininos determinando, como em 1897, uma verdadeira revolução nos habitos escolares, por ter solicitado do Presidente da Republica e do governo de todos os cantões a obrigatoriedade do ensino *ménagère* na classe superior das escolas primarias.

Em notavel documento, a directoria da Sociedade fez notar então que "o bem-estar da familia depende da escolha judiciousa, da distribuição, da preparação dos ali-

mentos, do asseio meticoloso da casa" e que "uma boa educação domestica é o complemento necessario da cultura geral da mulher e a base de toda vocação feminina".

PAG. 20

"Não temos aristocracia... etc".

Eis como o jornalista George Huguet, aprecia o alto mundanismo carioca :

"...Para entrar nessa sociedade, que assigna as companhias estrangeiras, passa o verão em Petropolis, e já viajou ou vae viajar a Europa, é preciso mostrar que se começa a ter dinheiro e ter sempre uma certa ousadia. Com um pouco de boa vontade, é a aristocracia, mas aristocracia meio infantil : gosta do estrangeiro para lhe dar brilho, ama os diplomatas e guarda no fundo os habitos patriarchaes do antigo lar brasileiro. A primeira vez que assisti a uma recepção foi no palacio do Catete. Ia convencido de que encontraria apenas o elemento official e tive occasião de ver não só esse elemento como o mundano, a aristocracia, o *high-life*, como dizem os jornaes. O elemento mundano estava deslocado entre os deputados, os chetes de secção e os senadores de casaca mal talhada e gravata de laço feito sobre o peitilho incorrecto.

Naquella mistura de fardas e de classes as senhoras do *high-life* e os homens do mesmo faziam grupinhos a parte, de preferencia ligados aos diplomatas.

E na recepção havia até tres diplomatas chinezes.

...Esses elementos ficavam a se olhar como dous cãesinhos de louça num aparador. O elemento elegante, o *high-life*, tem um olhar impertinente para todas as cousas que não são o seu grupinho, onde não ha prodigios, e os diplomatas... E fala bastante em falta de linha, em educação, para que se perceba recente a adaptação. Passei por um elegante par ha pouco chegado da Europa. Ella cantava bem e os jornaes citavam-lhe todos os dias o nome com uma insistencia pouco *faubourg*, á moda francesa : mme. Tal, née Cicrane...

Na occasião, um sujeito qualquer mettera-lhe os pés na cauda de renda do vestido. Ella tóra glacial ás desculpas tremulas e depois, para o marido :

—Que gente !

—Tambem tu tiveste a idéa de cá vir !

—Oh ! não torno... Ao ouvil-os pareciam principes nos *caveaux* do *hall*...

Mas chegou um diplomata peitudo e logo os dous foram amabilissimos...

Graças a um diplomata, de resto, é que estive em dous ou tres palacetes de Botafogo, o bairro elegante, o unico aristocrata, porque foi ahi fundada a cidade antiga, ao que parece. Fui com

prazer. Apesar de ser um homem triste e conhecer muitas civilizações, agradava-me especialmente a companhia das senhoras brasileiras.

São lindas, de uma elegancia meia flácida e languorosa, que lhes dá um *piment* excepcional.

Essas com que falei eram parisienses traduzidas, sem a vivacidade de passaro, mas com a desconfiança de não parecer muito bem, qualquer cousa de serrallo, de equador e de *boulevard*... O theatro que ellas sabem é o theatro francez. os romances que leem são os romances francezes.

Eu, com dous mezes de Rio, poderia dar-lhes informações sobre o seu proprio paiz. De resto, ellas evitam mesmo falar de certas cousas nacionaes, como susceptiveis de ridiculo.

—Comprehendo a razão de haver tantos poetas no seu paiz...

—É, ha...

—Porque as senhoras são bellas, Gonçalves Dias...

—Não, não tive ainda tempo de ler !...

Se as damas só falam de litteratura franceza, muitos dos homens, quer os já idosos, quer os jovens, têm pelo saber, como na aristocracia franceza, o mais engraçado desprezo de que ha memoria.

.....
Talvez seja brutal a tranquesa de minha observação.

Ella é verdadeira, e não vae em desa-

bono desses rapazes, extremamente sympathicos aliás, bem educados para os estrangeiros, serviçaes, hospitaleiros, falando diversas linguas com correcção e vestindo com apuro.

Muitos delles deram-me informações preciosas. Outros offereceram-me cousas. Uns falaram mal dos outros. Soube mal de todos. E, quasi sempre, ingenuamente desejosos de mostrar a riqueza :

—Quando quizer um automovel é só tocar para mim. Tenho agora um que o papá me deu !”

.....

A analyse é de uma pungente crueldade. Felizmente, mr. George não se occupou de brasileiros mas... de “parisienses traduzidos”...

PAG. 26

“Observará superficialmente os factos quem vêr nisso apenas uma questão economica...”

.....

“Dir-se-á que a principal difficuldade dessa evolução virá dos fracos recursos de que dispoem as familias operarias.

Esta opinião não é confirmada pelos factos.

Entre as familias da usina a que me refiro ha uma que parece ainda mais miseravel que as outras : sua installação é

mais sordida, as creanças (seis) mais andrajosas...

A mulher, tendo trabalhado um dia ao meu amigo, pediu-lhe, na tarde do mesmo dia, os dous francos que se lhe devia porque não tinha um sou com sigo...

Ora, eis aqui, segundo o registro de pagamento do director da usina, o salario que toca mensalmente á essa familia :

O pae.....	90 francos
A mãe.....	60 «
O filho mais velho.....	70 «
A filha.....	30 «
Total	250 francos

Assim esta familia, composta de oito pessoas, quatro das quaes podem trabalhar, vive miseravelmente no campo, com um salario annual de tres mil francos !

.....
Para explicar essa situação é preciso admittir que a questão social não é puramente uma questão de salario, como se diz muitas vezes, mas de economia. Se fosse unicamente uma questão de salario, seria esplendidamente resolvida por essa familia... O burguez vive apertadamente, afim de satisfazer o luxo das recepções e das *toilettes* e de economisar para os filhos. O operario vive misera-

velmente, para satisfazer a uma porção de despesas inuteis, ridiculas ou condemnaveis.

Tanto a um como a outro é menos o dinheiro que falta do que o geito de utilizar se delle."

Na França, ainda ha a preocupação de economisar para os filhos ; entre nós, nem isso.

O trecho que ahi fica é da m^ognifica obra *A quo' tient la superiorité des Anglo Saxons* (pag. 215) do grande sociologo Ed. Demolins.

PAG. 30

..."mas o que me surprehendeu devéras foi a *pomponière*..."

A Escola Normal *Ménagère* de Friburgo, aceita um pequeno numero de creanças de um dia a dous annos, com o fim de preparar praticamente as educandas.

Frequentam igualmente a *pomponière*, mediante modica remuneração, as senhoras da cidade que desejam adquirir conhecimentos de puericultura, especialmente as noivas.

PAG. 33

"Ha pouco esbocei em linhas breves, de accordo com o logar e o genero desta

palestra, mais de um aspecto da psychologia nacional, procurando acentuar quanto nos preocupam as exterioridades...”

Ao escrever esta phrase tinha no espirito a visão do *Minas Geraes*, a maior machina de guerra do mundo, *symbolo da nossa grandeza e da nossa força*, conforme a expressão do enorme cartaz—reclame que corre por ahi além.

Construimos o navio sem pensar na marinagem, da mesma forma que desejamos fazer do Brasil uma grande nação sem povo culto.

Desta vez é um ministro de Estado, o contra-almirante Baptista Leão, que vem prestar o seu depoimento em relatório apresentado ao Snr. Presidente da Republica :

.....
 “Esses homens (os marujos) cujo processo de recrutamento havia sido, em geral, o mais pernicioso possível, pois não só o Corpo de Marinheiros, como até as escolas de Aprendises, e estas em virtude de seu proprio regulamento, encontravam nos xadrezes da policia a maior parte de alistamento do pessoal, acabavam de dar sufficientes provas de sua qualidade e da inconveniencia de sua manutenção nas fileiras...”

Impêrfeitamente instruidos e ainda peor educados, regidos por um *systhema disciplinar anachronico e inadequa-*

do, os nossos marujos começavam sob os peiores auspícios a sua vida profissional...

A situação presente resulta de um falseamento de princípios cuja responsabilidade não cabe só aos governos anteriores. De muito nos habituamos á aceitação de bellas doutrinas, sem que cogitemos de conscienciosamente executal as em todos os seus corollarios e consequencias. Dahi têm resultado a incoherencia e a desordem, da qual só nos libertaremos quando, com vontade firme, abandonarmos o *systhema* das apparencias.

Illudida por uma miragem, a Nação brasileira assistiu á formação de uma esquadra respeitavel, suppondo que isto bastasse para uma boa organização naval: no entanto os factos vieram demonstrar-lhe agora que a posse de um material fluctuante aperfeiçoado e forte não é o elemento essencial de uma marinha de primeira ordem...

A Marinha não pode continuar a vida artificial de enganosas apparencias. Em caso de guerra, os navios adquiridos á custa de tanto sacrificio não terão onde fazer o minimo concerto, uma base onde se refugiem, um ponto de apoio sequer ao largo de costa tão vasta..."

Na Avenida Central do Rio ha outro *symbolo da nossa grandesa e da nossa força*: O Theatro Municipal.

Vale a pena ler a seguinte narrativa

de um jornalista, o Snr. Abner Mourão, d'O Paiz. Della resalta a falha notada pelo ministro em relação ás cousas do mar; temos o theatro, mas...

.....
 "No quadro do serviço está annuciada para as 8 ½ a repetição geral do *Chantecler* que o Rio verá hoje pela primeira vez representado pela companhia de Nina Sanzi e em torno do qual ha a mais anciosa curiosidade.....

Nove horas da noite e a caixa está mergulhada em quasi treva. Mal se percebe a densa floresta de traves de ferro, de machinismo, de fios de arame que a enche toda...

Nina Sanzi, esguia e elegante dentro de um vestido muito fino e muito escuro, o rosto cheio de uma expressão torturada, meio escondido nas grandes abas de um chapéu em que avultam rosas, move-se agitadoamente pelo palco, torcendo as mãos num desespero.

É que apesar de todas as precauções tomadas, apesar das ordens afixadas desde a vespera no quadro de serviço, não ha luz... O Snr. Guilherme, um allemão de grandes bigodes vermelhos, que é o electricista—chefe, não leu o quadro de serviço, não pensára no ensaio geral, não previra a necessidade de luz, não sabia...

Nina Sanzi nada podia fazer ás escuras.

Afinal o Snr. Baptista que é mechanico e brasileiro e muito gentil prestou-se

a procurar o electricista chefe e a promover o *fiat*.....

É preciso completar o scenario, fazendo descer os enormes *panneaux*, barrados a pinceladas violentas e que estão lá em cima, muito alto, muito alto.

Surge ahi nova difficuldade e esta insuperavel.

São movidas a electricidade essas telas gigantescas, e as alavancas com as quaes isso se consegue estão encerradas, para que se torne impossivel qualquer accidente, de um e outro lado da caixa, em fortes telas metalicas, dispostas como se fossem portas. E estão hermeticamente fechadas! O machinista a quem incumbe a tarefa de movimenta-las foi para a casa tranquillamente, levando as chaves, tendo mesmo o cuidado de significar que não contassem com elle, por não ser dia de representação. O machinista que veio da Europa com a companhia nada pode fazer.

Diante de taes difficuldades, de tão incriveis desleixos, Nina Sanzi, com o seu temperamento muito sensivel, está numa agonia :

—Meu Deus, isto é possivel ?!

O Snr. Baptista accorre solícito. Mas o Snr. Baptista tambem nada pode fazer. Não sabe sequer onde mora o homem que tem as chaves. Não sabe mesmo se elle mora... E voltando se para mim, Nina Sanzi repete, torcendo as mãos :

—E isso acontece no mais sumptuoso theatro do mundo ? Isso acontece numa cidade civilisada ?

É então que eu lhe observo que o Theatro Municipal é uma repartição publico, que esse homem que vae para a casa com as chaves no bolso, não é decerto um mecanico, mas um amanuense...”

PAG. 34

“E durante esses diversos periodos de nosso desenvolvimento, a mulher brasileira ;... etc. etc.”

Lê-se no *Opusculo humanitario* de Nisia Floresta, publicado em 1853 :

“Do *Quadro demonstrativo do estudo da instrucção primaria e securdaria das provincias do Imperio e do municipio da Corte*, no anno de 1852, vê se que a estatistica dos alumnos que frequentaram as aulas publicas montou a 55, 500, numero tão limitado para a nossa população ; e que neste numero apenas 8, 443 alumnas se compreendem !

Bastará reflectir nesta desproporção para julgar se do atraso em que se acha a instrucção do sexo feminino, tão mal aquinhado na partilha do ensino pago pelo governo. Nenhuma proporção ha, como se vê, entre as escolas primarias de um e de outro sexo. Na provincia de Minas, onde a instrucção se acha mais ge-

ralmente diffundida, entre 209 escolas de primeiras lettras, só 24 pertencem ao sexo feminino !

Considerando se esta tão desproporcional differença, o sexo parece permanecer ali debaixo da influencia do anathema que fulminara sobre elle um dos mais notaveis presidentes daquella provincia.

Tratando se das cadeiras publicas de ensino primario dizia elle que : *só se deve ensinar ás meninas tudo quanto convem que saiba uma mulher que tem de ser criada de si e de seu marido.*

.....
Na Bahia, de 184 escolas primarias, 26 somente são de meninas. Menos egoista para com o sexo, a sua rival na gloria, o heroico Pernambuco, fiel ás suas tradições, lhe sobresaê em equidade, pois que, de 22 escolas, 16 pertencem ao sexo feminino. A provincia do Rio de Janeiro, com 116 escolas, dá ao sexo 36. No municipio da côrte, a sede do governo imperial, onde devia-se mais facilitar a instrucção do povo, acham se apenas creadas 9 aulas de meninas ! As demais provincias apresentam proporcionalmente a mesma escassez de recursos para o cultivo da intelligencia da mulher, e algumas ha cujo estado de instrucção publica não chegou ainda ao conhecimento do governo geral !

Accrescentemos agora ao mediocre numero dessas escolas a confusão dos me-

thodos, das doutrinas seguidas pelas professoras, quasi sempre discordes em seus systemas e, como já observámos, em grande parte sem as necessarias habilitações, e teremos reduzido á expressão mais simples o numero de nossa população feminina que participa do ensino publico, e o gráu de instrucção que recebe”.

PAG. 35

“Extincta a escravidão, etc...”

Não obstante o advento da Abolição e da Republica, a evolução social e economica do Brasil vae sendo mais lenta do que parece. É interessante a comparação das paginas seguintes, traçados em epocas differentes por dous dos mais altos representantes da mentalidade brasileira :

—JOAQUIM NABUCO, EM 1883 :

.....

Não há o consorcio do homem com a terra, as feições da habitação permanente, os signaes do crescimento natural... A população não possui definitivamente o solo : o grande proprietario conquistou o á Natureza com os seus escravos, explorou-o, enriqueceu por elle extenuando o, depois falliu pelo emprego extravagante que tem quasi sempre a

fortuna mal adquirida, e por fim esse solo voltou á Natureza, estragado e ex-hausto. É assim que nas provincias do Norte a escravidão se liquidou ou está liquidando, pela ruina de todas as suas antigas empresas... As propriedades, com a extincção dos vinculos, passaram das antigas familias da terra, por hypotheca ou pagamento de dividas, para outras mãos e os descendentes dos antigos morgados e senhores territoriaes, acham-se hoje reduzidos á mais precaria condição imaginavel, na Bahia, no Maranhão, no Rio e em Pernambuco, obrigados a recolher-se ao grande asylo das fortunas desbaratadas da escravidão, que é o funcionalismo publico...

O que se observa no Norte, observa-se no Sul e observar-se ia melhor ainda se o café fosse desthronado pela *Hemyleia V-satrix*. Enquanto durou a idade de ouro do assucar, o Norte apresentava um espectaculo que illudia a muitos...

As casas, os chamados palacetes, da aristocracia territorial na Bahia e no Recife, as librés dos lacaios, as liteiras, as cadeirinhas e as carruagens nobres, marcam o monopolio florescente da canna,—quando a beterraba não havia apparecido no horisonte.

Assim tambem as riquezas da lavoura do Sul, de facto muito exageradas, de liquidação difficil, mas apesar de tudo consideraveis e algumas para o paiz

enormes, representam a prosperidade temporaria do café.

Quando passar o reinado do café, e os preços baixos já serviram de prenuncio, o sul hade vêr-se reduzido ao estado do Norte.

Os seringaes, apesar da sua immensa extensão, têm sido grandemente destruidos, e essa riqueza natural do grande valle está ameaçada de desaparecer, porque o character da industria extractiva é tão ganancioso e por isso esterilizador, no regimen da escravidão como o da cultura do solo.

A fazenda ou o engenho serve para gastar o dinheiro que se vae gastar na cidade, para a hibernação e o aborrecimento de uma parte do anno. A terra não é fertilizada pelas economias do pobre, nem pela generosidade do rico; a pequena propriedade não existe senão por tolerancia, não ha as classes medias que fazem a força das nações. Ha o opulento senhor de escravos, e proletarios.

A nação, de facto, é formada de proletarios, porque os descendentes dos senhores logo chegam a ser o.

...essa illusão toda de riqueza, de desenvolvimento nacional, creada por este (o café) como a do assucar e a do algodão no Norte, como a da borracha no valle do Amasonas, como a do oiro em

Minas Geraes, não engana a quem a estuda e observa nos seus contrastes, na sombra que ella projecta : a realidade é um povo antes escravo do que senhor do vasto territorio que occupa ; a cujos olhos o trabalho foi systematicamente aviltado ; ao qual se ensina que a nobreza está em fazer trabalhar ; atastado da escola ; indifferente a todos os sentimentos, instinctos, paixões e necessidades que formam dos habitantes de um mesmo paiz mais do que uma simples sociedade—uma nação.

.....
Tomem-se ao acaso vinte ou trinta brasileiros em qualquer logar onde se reuna a nossa sociedade a mais culta : todos elles ou foram ou são, ou hão de ser empregados publicos : senao elles, seus filhos.....

.....
O grande commercio nacional não dispõe de capitaes comparaveis aos do commercio estrangeiro, tanto de exportação como de importação, ao passo que o commercio a retalho, em toda a sua porção florescente, com vida, propria, por assim dizer consolidada, é praticamente monopolio de estrangeiros...

(*O abolicionismo*, pag. 180 e seguintes).

—SYLVIO ROMÉRO, EM 1906 :

...Todo o mundo não podia ser no campo senhor de engenho, fazendeiro de ga-

do ou de café, proprietário de datas auríferas ou diamantinas, o que importa dizer, que grande parte da população, o grosso proletariado rural—não escravo—não possuía um palmo de terra, porque esta foi desde o começo ficando açambarcada em enormes latifúndios pelos concessionários das sesmarias interminas. O alludido proletariado teve fatalmente de acostar-se como aggregado á patronagem dos grandes proprietários. É a origem dos doze milhões de brasileiros que habitam todo o interior do paiz: mattas, sertões, campos geraes, chapadas e planaltos, fóra das restrictas gentes das grandes villas e cidades da costa ou do centro.....

Ainda hoje, por essas terras além, o Brasil é fundamentalmente isto mesmo, sendo apenas a grande novidade moderna a incorporação dos ex-escravos nessa enorme massa de população proletaria, quer dos campos, quer das povoações.

Originaram-se dessa anomalia inicial varias antinomias que ainda hoje nos atropellam e fazem manquejar. A primeira dellas é a disparidade entre uma pequena *élite* de possuidores e proprietários e o avultadissimo numero dos que nada têm, nada possuem, principalmente nas populações ruraes. Segunda extravagancia do genero é a antinomia entre outra *élite*, a dos intellectuaes, civildos de estrangeirices de toda a casta, principalmente na capital e nas grandes

idades, e o immensissimo numero de analphabetos ou incultos que constituem a nação por toda a parte.

.....
 Outra singularidade latino-americana, aggravada no Brasil e oriunda das precedentes, é que não conseguimos formar ainda um povo devidamente organizado de alto a baixo.

Falta-nos a hierarchisação social, o encadeiamento das classes, a solidariedade geral, a integração consensual, a disciplina consciente de um ideal commum, a homogeneidade intima.

Falta nos a radicação á terra pela propriedade espalhada largamente, pelo cultivo, pela producção da riqueza nacional. O nosso povo está em geral desenraizado do solo ou nelle subsiste como uma vejetação estranha.

Falta-nos o aferra ao trabalho, a base economica livre, ampla e segura e, mais, a masculinidade da vontade, o espirito de iniciativa, a audacia do esforço, do emprehendimento, da lucta pelo progresso e bem estar.

Nota-se de sobra a indisciplina, o espirito de *clan*, a divisão, a desharmonia, a falta de solidariedade, de consciencia collectiva nacional.

Dest'arte se, por um lado, não temos o operariado rural organizado, affeito ao trabalho nem uma classe numerosa, por toda a parte espalhada, de pequenos proprietarios agricolas ; nem a dos me-

dia por dia e noite por noite, obscuramente, anonymamente, no segredo das nossas vidas, na penumbra da familia, sem outro applauso nem outra recompensa senão os da consciencia avigorada, moralisada e disciplinada, ao mesmo tempo viril e humana.

Essa retorma individual, de nós mesmos, do nosso character, do nosso patriotismo, do nosso sentimento de responsabilidade civica, é o unico meio de supprimir effectivamente a escravidão da constituição social..."

«E vem de molde lembrar que educam-se nas escolas belgas...»

Era esta em Dezembro de 1909 a situação do ensino industrial e profissional da Belgica :

	NUMEROS	PROFESSORES	ALUMNOS		CERTIFICADOS de
			MOÇAS	RAPAZES	CAPACIDADE
A. Ensino para moças.					
Escolas e classes ménagères.....	268	612	9.396	"	1.087
Escolas ménagères professionnelles.....	8	47	383	"	38
Escolas professionnelles ménagères.....	20	180	1.092	"	99
Escolas professionnelles.....	37	477	4.612	"	486
Cursos professionnelles.....	6	40	455	"	55
Officinas de aprendizagem.....	8	33	490	"	9
B. Ensino para rapazes.					
Escolas especiaes superiores.....	15	302	7	1.832	505
Escolas e cursos industriaes.....	90	1.136	1.223	24.751	2.030
Curso de desenho industrial e profissional.....	41	145	21	2.308	48
Escolas "São Lucas".....	7	93	"	2.921	45
Cursos commerciaes e de linguas.....	21	192	1.391	4.058	1.154
Escolas professionnelles.....	68	527	89	6.474	543
Cursos professionnelles.....	16	79	153	1.098	121
Officinas de aprendizagem : trabalhos de pedra...	26	26	"	336	43
" " divresos.....	9	28	"	266	40
" " tecido.....	32	72	"	715	60
Total.....	672	3.989	19.312	44.759	6.363

PAG. 46

"As escolas brasileiras, filhas legítimas das portuguesas, etc".

No Rio Grande do Norte a instrução, depois da ultima reforma, decretada pelo Snr. dr. Alberto Maranhão, vae tomando rumo differente. De accordo com a lei, diversos municipios já construíram nas sédes respectivas edificios apropriados ao funcionamento de Grupos Escolares, nos quaes está sendo ministrado o ensino primario moderno.

Mas este, por força das circumstancias economicas do Estado, tem de ficar circumscripto aos maiores centros urbanos, que representam insignificante minoria. E eis-nos, na melhor hypothese, dependentes do mestre escola, rebarbativos e rotineiro, mas, em todo caso, util: quem, senão elle, ministrará o abc ás populações ruraes?

As rendas do Estado nem duplicados poderiam bastar á solução racional do problema, devido, principalmente, á dispersão dos nucleos sertanejos e ás difficuldades de transporte.

Quanto ao ensino moderno, tudo se tornaria mais facil se realizassemos o que, desde 1879, a Republica Argentina vem resolutamente praticando: a criação de escolas federaes normaes nos Estados, com as quaes a União despende cerca de doze mil contos.

Fundadas essas em diversas circumscripções do interior, a instrução racional da infancia ali se diffundiria com mais facilidade e dentro em pouco veríamos attenuada a acção do tradicional, mestre escola, actualmente um mal necessario em todo o vastissimo sertão brasileiro. Seria ao menos um esforço por parte da União no sentido de arrancar-nos á posição inferior em que, neste particular, nos encontramos em relação á citada Argentina, ao Uruguay, ao Panamá, ao Equador...

PAG. 55

"...esse fecundo e admiravel sertão brasileiro, em cujo solo se agita um povo dotado de rara bondade... etc."

Lê-se no magnifico estudo do sabio americano dr. Roderic Crandall sobre os *Estados Orientaes do Brasil* [pag. 78) : "Pouca vantagem para o paiz, no seu conjuncto, ha na immigração estrangeira, quando o exodo do povo é maior no norte do que a entrada de immigrants no sul e quando, em verdade, pode dizer-se que o nortista é realmente muito melhor cidadão e um homem mais valioso para o paiz do que a especie de immigrants que para elle tem vindo.

Os nortistas, todos conhecidos como cearenses, são notaveis por sua energia,

habilidade, faculdade de resistencia e actividade, quando ha alguma cousa a fazer. São realmente gente de muito melhor qualidade do que são communmente considerados. Embora rudes e poucos civilizados. é verdade, em todos elles encontra-se o estoto de que se fazem os bons e uteis cidadãos para o paiz..."



O Início da Liga do Ensino

(CIRCULAR, PROGRAMA, ESTATUTOS)

Liga do Ensino

Educação da mulher

(Conferencia realizada pelo dr. H. CASTRICIANO no dia 23 de Julho de 1911)

NATAL
Typographia do Instituto
1911

Illmo. Snr.

São conhecidas as aptidões intellectuaes e moraes da mulher brasileira, sempre inclinada ao trabalho e á virtude. Observando essas qualidades de acção e equilibrio, a que devemos beneficios de toda ordem, notadamente a conservação do patrimonio moral transmittido de familia a familia com um carinho que faz honra ás nossas patricias, resolvemos fundar a Liga do Ensino, cujo fim principal é preparar as para as difficuldades da existencia, dando lhes cuidadosa educação theorica e pratica, de modo a serem efficazmente aproveitadas as referidas aptidões, no caso de lhes faltar o amparo do chefe de familia.

A vida social de hoje, cada dia mais intensa, exige actividade methodica e seria orientação positiva. Nesse conflicto vital cabe á mulher a tarefa mais nobre e difficil, pois que a ella é confiada a organização da casa, comprehendendo os cuidados dispensados ao esposo, e os filhos e aos domesticos.

É commum ver se no Brasil inteiro o espectaculo acabrunhador da penuria em que se dissolve a familia cujo director desapareceu, se tal familia ficou somente composta de senhoras.

Sem profissão, sem experiencia, sobretudo sem a energia que só apropriada educação consegue formar, como poderão essas moças, a quem falta o pão

logo que se finda o dono da casa, enfrentar corajosamente as difficuldades do dia d'amanhã ?

O fim da Liga, convém accentuar desde já, não é pregar a emancipação da mulher nem encaminhal-a para a solução do que se convencionou appellidar *feminismo*, consistente na aquisição de certos direitos politicos.

Bem longe disso.

O principal objectivo da Liga pode ser resumido em quatro palavras, — *aperfeiçoar a educação domestica*.

É uma tarefa ingente, porque o problema não é tão simples como parecerá á primeira vista.

Para medir seu valor basta lembrar que se trata do futuro da familia de todos, da formação do caracter de nossos filhos, do desenvolvimento racional da saude, da intelligencia, da vontade dos pequeninos seres de hoje, mas cidadãos d'amanhã, responsaveis pelos destinos da patria.

Uma escola domestica, á semelhança das que a providencia dos povos cultos desde muito vem fundando em larga escala, nos grandes e pequenos nucleos ; em que, ao lado do indispensavel ensino theorico, sejam ministrados seguros conhecimentos praticos, que habilitem a mulher a velar criteriosamente pela educação physica, intellectual e moral dos filhos, orientando o espirito della de modo a poder viver por si, no caso de

taltar o apoio dos que lhe servem de arrimo ; uma escola assim, representa por certo o inicio de promissora phase social, porque é da mulher que depende a felicidade da familia e esta é a nação em miniatura.

O principal objectivo da Liga é este ; mas, á medida que a confiança geral for consolidando seu prestigio, ella tomará a iniciativa de outros empreendimentos, visando sempre auxiliar os poderes publicos na tarefa do remodelamento da educação e da instrucção.

É tempo de nos convenceremos de que, mormente em materia de ensino profissional, bem pouco o Estado conseguirá realizar si as classes interessadas o não auxiliarem.

E, trabalhando pela educação dos filhos, cumprindo o nobre dever de pugnar pelo desenvolvimento intellectual e moral dos seus, cada cidadão irá igualmente concorrendo para a prosperidade da Republica.

É assim nos Estados Unidos, na Suissa e na Belgica, sendo que neste ultimo paiz nem ha lei organica sobre o ensino profissional, limitando se o governo a subvencionar ás communas e aos particulares que fundarem escolas praticas.

Contamos de antemão com o apoio franco e decidido do exmo. dr. Alberto Maranhão, benemerito governador do Estado ; e estimula nos a certeza de que, amparada por sua Exa., a Liga presta-

rá os maiores serviços ao Rio Grande do Norte.

Solicitando vossa patriotica adhesão, que consideramos mais uma segura garantia de exito, ousamos igualmente pedir-vos a attenção para o impresso junto, onde encontrareis melhor expresso nosso pensamento.

Natal, 13 de Maio de 1911.

LIGA DO ENSINO

1º—Compor-se-á a Liga de pessoas idôneas, deste e outros municipios, que, mediante pequena contribuição mensal, a ella se quizerem associar, tendo principalmente por fim auxiliar os poderes publicos em tudo quanto disser respeito á instrucção e educação do povo.

2º—Promoverá a criação de escolas particulares, quer primarias, quer profissionais, organizando festas civicas, excursões escolares e conferencias populares.

3º—Terá sua séde nesta capital, sendo dirigida por um Conselho Administrativo eleito pelos socios, conforme for estabelecido pelos estatutos.

5º—Em suas linhas geraes, é este o programma da futura Escola Domestica:

EDUCAÇÃO MORAL, COMPREHENDENDO:

a) *moral individual* : Deveres pesso-

aes. Sensibilidade e vontade. O trabalho.

b) *moral domestica* : Deveres para com a familia, os criados e os animaes.

c) *moral social* : Justiça. Caridade : iniciação experimental nos deveres para com os desvalidos ; collaboração nas obras de educação popular, de beneficencia, de assistencia publica e privada. A patria, o estado, o cidadão.

EDUCAÇÃO INTELLECTUAL

Lingua portugueza, franceza ou ingleza. Arithmetica, algebra, geometria. Geographia, Chorographia e historia do Brazil. Noções de Physica, Chimica e Historia natural.

EDUCAÇÃO PHYSICA

Gymnastica pedagogica, visando principalmente combater a preguiça physica e corrigir a deformação do thorax. Sports. Natação.

EDUCAÇÃO ESTHETICA

Desenho ornamental. Decoração das salas de visita e de jantar, dos quartos e da cosinha. Decoração vegetal das janelas, das varandas, dos aposentos. Confecção de *bouquets*. Esthetica da *toilette*. Musica e Canto.

EDUCAÇÃO TÉCNICA, PROFISSIONAL E SOCIAL :

I—*Contabilidade domestica* : despesas diarias, contas correntes, facturas, orçamento mensal. Vantagens da mutualidade. A caixa economica.

II—*Costura* : roupas de creanças e de senhoras, modas.

III—*Agricultura* : Noções de botanica. O solo, differentes adubos. A horta, o jardim, o pomar : plantação, replantação, enxertia, mergulhía. Plantas medicinaes do Brasil.

IV—*Avicultura* : Incubação e criação das aves domesticas. Molestias e parasitas. As melhores raças.

V—*A cozinha* [parte theorica). Condições de uma boa alimentação. Valor nutritivo da carne de diversos animaes, do peixe, ovos, legumes, cereaes, fructos.

Preparação dos alimentos de accordo com as estações, a idade, a saude, as profissões. O leite : sua composição e constituição. Condimentos. Vinho, cerveja, chocolate, café, chá. Falsificações. Perigos do alcoolismo e da superalimentação. Transmissão alimentar de certos parasitas. Cozinha vegetariana : sua influencia sobre a solução do problema economico da alimentação diaria.

VI—*A cozinha* (parte pratica). Instalação e asseio. Os utensilios. Carne, peixe, legumes, ovos, cereaes, fructos, farinaceos : meios de os preparar e conser-

var. Cozinha simples e cozinha fina. Queijos, creme, manteiga : preparação e conservação. Fabrico do pão, doces, pastéis, bolos. Regimens dieteticos.

VII—*Hygiene individual* : A pelle, a respiração, a circulação. Hygiene intellectual. Relação entre a hygiene pessoal e collectiva. *Hygiene familiar* : A casa, suas dependencias. Ar, luz e agua. Desinfectção habitual e no caso de molestias contagiosas.

VIII—*Medicina pratica e de urgencia* : O quarto do doente, o leito e accessorios. Antisepsia e asepsia. Primeiros cuidados em caso de envenenamentos, fracturas, hemorragias, queimaduras. Medicamentos topicos. Observação dos doentes : temperatura, pulso, etc. Precaução nas doenças contagiosas Prophylaxia da tuberculose. Pharmacia domestica.

XI—*Puericultura* : Cuidados aos recém-nascidos. Peso e temperatura. Alimentação. O berço, os vestidos. Vacinação. Dentição. Hygiene da pelle, da bocca, do nariz, da garganta, dos olhos, dos ouvidos. Cuidados em casos de accidentes. O choro, a palavra, o andar. O nervosismo das creanças. Psychologia experimental applicada á educação infantil. Prejuizos em relação á saude e hygiene das creanças.

Annexa á Escola Domestica haverá um Jardim de Infancia e uma Escola de creadas, composta de tres classes : cozi-

nheiras, copeiras e criadas de quarto e de meninos.

Todo o ensino será intuitivo, concreto, com exercícios graduados e directamente applicados aos fins domesticos.

ESTATUTOS DA LIGA DO ENSINO

CAPITULO I

Da Liga e seus fins

Art. 1—É fundada em Natal, capital do Rio Grande do Norte, uma associação denominada “Liga do Ensino”, visando, em geral, auxiliar os poderes publicos em tudo quanto disser respeito á instrucção e educação do povo, e, em particular, fundar escolas para a instrucção e educação da mulher.

Art. 2—Para attingir o fim a que se propõe, a Liga fundará escolas maternas, primarias, secundarias e profissionais, estabelecerá bibliothecas e cooperativas em todo o territorio do Estado e promoverá a criação de Ligas regionaes, promovendo igualmente festas civicas, conferencias, congressos, excursões escolares, exposições e publicações de livros e revistas.

CAPITULO II

Dos Socios

Art. 3—A Liga se compõe de socios,

divididos nas seguintes categorias : effectivos, remidos, benemeritos, correspondentes, escolares e regionaes.

Art. 4—Socio effectivo é todo aquelle que, proposto perante o Conselho Administrativo e por este aceito, pagar a joia de 10\$000 e a mensalidade de 2\$000.

§ 1—O socio effectivo tem o direito exclusivo de tomar parte na Assembléa Geral e de ser eleito para os cargos da Liga.

§ 2—A joia de entrada poderá ser paga de uma só vez, ou em prestações de 5\$000, a primeira no acto de admissão do socio, e a outra tres mezes depois.

§ 3—As contribuições mensaes poderão tambem ser pagas em duas prestações, nos mezes de Junho e Dezembro.

§ 4—O socio effectivo tem direito a tomar parte na Assembléa Geral, assistir ás sessões do Conselho Administrativo, sem voto, e a propor por escripto ao mesmo Conselho qualquer pessoa idonea para tazer parte da Liga.

Art. 5—O socio effectivo poderá passar á classe de socio remido, pagando de uma só vez a contribuição de 300\$000, que o isentará de qualquer contribuição futura.

Art. 6—Socio benemerito é todo aquelle que, pertencendo ou não á Liga, tendo feito donativos, em bens ou em dinheiro, nunca inferiores a 1:000\$000, for pela Assembléa Geral contemplado com essa distincção.

Art. 7—Socio correspondente é a pessoa residente em outro Estado que, pelos serviços prestados ao ensino, a Liga quizer distinguir com esse titulo.

§ 1—O socio correspondente é isento de qualquer contribuição e não poderá tomar parte nas resoluções da Liga.

§ 2—O socio effectivo que fixar residencia fóra do Estado, pode, a seu requerimento, passar para a classe de socio correspondente.

Art. 8—Socios regionaes são os que fizerem parte das Ligas fundadas nos municipios, os quaes poderão frequentar as sessões, conferencias e estabelecimentos da Liga, sem direito de voto.

Art. 9—Socios escolares são todos os estudantes de ambos os sexos, tanto desta Capital, como dos municipios onde se forem fundando Ligas regionaes, que, pelo seu aproveitamento e mediante proposta dos respectivos professores ou directores do estabelecimento onde se estiverem educando, merecerem esta distincção. Serão tambem socios escolares os estudantes dos cursos secundarios e superiores da Republica, que forem propostos e acceitos pelo Conselho Administrativo.

§ Unico—O socio escolar é isento de contribuições, não tem direito de voto na Assembléa Geral, porem auxiliará a Liga no seu trabalho de propaganda, podendo desempenhar qualquer commissão.

Art. 10—Os socios de qualquer categoria, teem preferencia para os empregos e para a matricula de seus filhos nos estabelecimentos de ensino a cargo da Liga.

CAPITULO III

Da Assembléa Geral

Art. 11—A Assembléa Geral da Liga, composta dos socios effectivos quites, reune-se ordinariamente na primeira quinzena do mez de Dezembro de cada anno, em dia marcado pelo Presidente, e extraordinariamente sempre que for convocada Pelo Conselho Administrativo, ou em vista de proposta escripta e motivada, assignada por cincoenta socios effectivos, pelo menos.

Art. 12—A Assembléa Geral funcio-nará com metade e mais um dos socios effectivos e será presidida pelo socio eleito ou acclamado na occasião. o qual convidará dois outros socios para secretarios

§ Unico—Si no dia marcado, não comparecerem socios em numero legal, o Presidente da Liga declarará que não pode ter logar a Assembléa Geral, marcando outro dia para a nova reunião, com intervallo nunca inferior a quinze dias, e fazendo os convites pela imprensa com a clausula da Assembléa Geral

trabalhar com qualquer numero de socios, desde que seja superior a vinte.

Art. 13—Compete á Assembléa Geral:

I—Eleger o novo Conselho Administrativo para o anno seguinte e tomar contas ao Conselho transacto.

II—Conferir diplomas de socios benemeritos.

III—Resolver sobre a admissão definitiva de Ligas regionaes.

IV—Reformar os estatutos.

V—Tomar qualquer resolução que for a bem dos interesses geraes da Liga.

Art. 14—A Assembléa Geral extraordinaria, constituida pela mesma forma que a ordinaria, deliberará sobre o objecto restricto de sua convocação.

CAPITULO IV

Do Conselho Administrativo

Art. 15—A direcção da Liga é confiada a um Conselho Administrativo composto de nove membros, eleitos annualmente pela Assembléa Geral. que designará somente o Presidente e o Vice Presidente. O Conselho, na sua primeira reunião, escolherá um Secretario, um Thesoureiro e um Bibliothecario, dentre seus membros

Art. 16—Os membros do Conselho são reelegiveis e suas funcções gratuitas.

Art. 17—Compete ao Conselho Administrativo :

I—Criar escolas, marcando o numero e vencimentos dos professores.

II—Criar empregos, marcando os ordenados ou gratificações, bem como a gratificação que competir ao auxiliar do Thesourciro.

III—Propôr á Assembléa Geral a reforma dos estatutos.

IV—Admittir socios, exclusive os benemeritos.

V—Administrar e distribuir os fundos da Liga.

VI—Escolher o estabelecimento de credito onde devam ser depositados os fundos da Liga.

VII—Ordenar e auctorizar despesas.

VIII—Approvar os regimentos inter-nos,programmas de ensino e instrucções confeccionados pelo Presidente.

IX—Promover a criação de Ligas regionaes nos municipios. acceitando-as como parte integrante da Liga do Ensino.

X—Realizar qualquer operação financeira, inclusive emissão de acções, podendo auctorizar o Thesoureiro a leva-la a effeito e a assignar os respectivos titulos. *ad referendum* da Assembléa Geral.

XI—Dar posse, em primeiro de Janeiro, ao novo Conselho eleito pela Assembléa Geral.

XII—Fazer a estatistica da produção e da população escolar do Estado.

XIII—Praticar todos os actos a bem dos interesses da Liga, que não forem

da competencia privativa da Assembléa Geral, nem contrariarem os presentes estatutos.

Art. 18—O Conselho Administrativo se reúne ordinaria e extraordinariamente sempre que for convocado pelo Presidente e funcionará com metade e mais um de seus membros, sendo suas resoluções tomadas por maioria de votos.

Art. 19—Compete ao Presidente do Conselho Administrativo, que será ao mesmo tempo o Presidente da Liga do Ensino :

I—Representar a Liga em juizo e em todos os seus actos e relações officiaes, podendo constituir mandatarios e representantes.

II—Dirigir os trabalhos do Conselho e fazer as convocações da Assembléa Geral.

III—Fazer as nomeações de auxiliares, professores, funcionarios e commissões da Liga, creados pelo Conselho Administrativo.

IV—Assignar toda correspondencia e expediente da Liga.

V—Apresentar á Assembléa Geral o relatório annual da Liga.

VI—Dar regimento interno, e programma e instrucções ás escolas, bibliothecas, estabelecimentos e repartições da Liga, sujeitando os á approvação do Conselho Administrativo.

VII—Prestar as informações e auxilios

que lhe forem solicitados pelos Conselhos regionaes.

VIII—Convocar o Conselho Administrativo, sempre que julgar necessario.

XI—Ordenar o pagamento de despesas urgentes, ad referendum do Conselho Administrativo.

§ Unico—O Presidente será substituído, nas suas faltas e impedimentos, pelo Vice Presidente, e, na falta deste, pelo membro do Conselho que este designar, tendo o substituto todas as attribuições marcadas nestes estatutos.

Art. 20—Compete ao Secretario :

I—Dirigir a Secretaria da Liga, tendo em bôa ordem todos os seus papeis, livros e archivos.

II—Lavrare as actas do Conselho Administrativo e os actos emanados da presidencia, fazendo, de ordem do Presidente, as convocações e communicações que forem necessarias.

III—Organizar a lista de todos os socios da Liga.

§ Unico—O Secretario, nas suas faltas e impedimentos, será substituído na forma do art. 23.

Art. 21—Compete ao Thesoureiro :

I—Arrecadar e guardar, pela forma determinada nestes estatutos, todos os haveres da Liga.

II—Fazer a escripturação do movimento financeiro da Liga, organizando balancetes mensaes para serem presentes ao Conselho Administrativo e o ba.

lanço annual para ser presente á Assembléa Geral.

III—Pagar as despesas que forem ordenadas pelo Conselho Administrativo ou pelo Presidente da Liga.

IV—Assignar os titulos e documentos sobre operações de credito.

V—Dar quitação de quantias recebidas.

VI—Depositar os fundos da Liga no estabelecimento de credito designado pelo Conselho Administrativo, levantando-os quando for julgado necessario por este.

§ 1—O Thesoureiro será substituido na forma do art. 23.

§ 2—O Thesoureiro terá sempre em seu poder a quantia que o Conselho Administrativo julgar necessaria para occorrer ás despesas urgentes.

Art. 22—Compete ao Bibliothecario :

I—Organizar a bibliotheca central da Liga e auxiliar as bibliothecas parciaes, tanto nesta capital, como nos municipios.

II—Corresponder se com outras bibliothecas, redacções de jornaes e revistas, autores, livrarias e quaesquer estabelecimentos, para a aquisição de livros e publicações.

§ Unico—O Bibliothecario, nas suas faltas e impedimentos, será substituido na forma do art. 23.

Art. 23—O Secretario, o Thesoureiro e o Bibliothecario terão um ou mais auxiliares, creados pelo Conselho Adminis-

trativo, que os substituirão, nas suas faltas e impedimentos, sem voto no Conselho. Estes auxiliares servirão gratuitamente, salvo o auxiliar do Thesoureiro, que perceberá uma gratificação marcada pelo Conselho, devendo accumular as funcções de cobrador.

Art. 24 - Havendo qualquer vaga no Conselho, por morte, renuncia ou ausencia definitiva de membro effectivo, o Conselho elegerá dentre os socios da Liga um substituto que terá exercicio até a primeira Assembléa Geral ordinaria.

CAPITULO V

Do fundo da Liga

Art. 25—O fundo social da Liga se compõe :

- a) das joias e mensalidades dos socios ;
- b) das subvenções da União, do Estado e dos Municipios ;
- c) dos donativos de particulares e associações ;
- d) das cotas e contribuições das Ligas regionaes.

Art. 26—O fundo social da Liga será administrado pelo conselho Administrativo, que fará depositar as quantias excedentes do necessario para as despesas urgentes em estabelecimento de credito, a sua escolha.

CAPITULO VI

Das Ligas regionaes

Art. 27—A Liga promoverá, pelos meios a seu alcance, a criação de Ligas regionaes nos municípios, as quaes se organizarão nos moldes destes estatutos.

Art. 28—Reunidos na séde do município os cidadãos que quizerem formar a Liga regional, estes providenciarão sobre os respectivos estatutos, eleição e posse do seu Conselho Administrativo.

Art. 29—As Ligas Regionaes, uma vez installadas, poderão pedir sua incorporação á Liga do Ensino, juntando copia dos seus estatutos, lista dos socios effectivos e nomes dos membros do Conselho Administrativo.

Art. 30—Os socios effectivos das Ligas regionaes incorporadas serão, de direito, socios regionaes da Liga do Ensino.

Art. 31—Para que as Ligas regionaes possam ser incorporadas á Liga do Ensino, é necessario enviar lhe, com os documentos comprobatórios de sua organização, uma contribuição unica de 2\$000 por cada socio effectivo.

De cada novo socio effectivo que a Liga regional admittir enviará á Liga do Ensino a contribuição unica de 2\$000.

Art. 32—A Liga do Ensino fornecerá ás Ligas regionaes todas as informações

de que carecerem, auxiliando-as na fundação e direcção de seus estabelecimentos.

Art. 33—As Ligas regionaes, uma vez incorporadas á Liga do Ensino, deverão fornecer-lhe todas as informações sobre a produção e população do município em que funcionarem, especialmente sobre a população escolar.

CAPITULO VII

Disposições Geraes

Art. 34—Estes estatutos só poderão ser alterados ou modificados por deliberação da Assembléa Geral, tomada por dois terços dos votos presentes, mediante proposta motivada do Conselho Administrativo, da maioria das Ligas regionaes ou da maioria dos socios effectivos.

Art. 35—As Ligas regionaes só terão direito de pedir a reforma ou modificação dos estatutos, quando estiverem organizadas em mais de metade dos municípios do Estado.

Art. 36—Si o Conselho Administrativo contrahir empréstimo por meio de acções, o socio que as tomar ficará isento do pagamento da mensalidade, até completar o resgate.

Art. 37—Não se tomará conhecimento de qualquer proposta visando a dissolução da Liga.

Art. 38.—O anno social será de 1 de Janeiro a 31 de Dezembro.

Art. 39.—Logo que se fundarem Ligas regionaes na maioria dos municipios do Estado, a Assembleia Geral providenciará sobre o Congresso de todas ellas, sob as bases que forem então adoptadas.

Disposições provisórias

I—Os presentes estatutos, uma vez approvados pela Assembléa Geral, entrarão desde logo em execução.

II—Na mesma sessão em que forem approvados os estatutos, será acclamado o primeiro Conselho Administrativo, o qual servirá até 31 de Dezembro de 1912.

III—A primeira Assembléa Geral ordinaria reunir-se-á na primeira quinzena do mez de Dezembro de 1912.

Os presentes estatutos foram discutidos e approvados em Assembléa Geral de oito de Outubro de 1911.



COLEÇÃO

JOÃO NICODEMOS DE LIMA

1. ÉCRAN NATALENSE
Anchieta Fernandes (esgotado)
2. POETAS DO RIO GRANDE DO NORTE
Ezequiel Wanderley (esgotado)
3. JORNALZINHO DO SEBO VERMELHO
Coleção (esgotado)
4. A'CACIMBA DO PADRE" EM FERNANDO DE NORONHA
Luis da C. Cascudo (esgotado)
5. NATAL DA QUI A CINQUENTA ANOS
Manoel Dantas (esgotado)
6. A HISTÓRIA DE ESTREMOZ
Ir. A. Mana Dionice da Silva (esgotado)
7. A IMPRENSA PERIÓDICA NO RIO GRANDE DO NORTE
Luiz Fernandes
8. GUIA DOS SÉBOS DE NATAL & TEXTOS AFINS
Abimael Silva
9. EVOCAÇÃO DE NATAL
Djalma Maranhão (esgotado)
10. CASCUDO, MESTRE DO FOLCLORE BRASILEIRO
Djalma Maranhão
11. CAICÓ
Pé. Eymard L'E. Monteiro
12. JORNALZINHO DO SEBO VERMELHO
Coleção II
13. CIDADE DO NATAL
Luis da Câmara Cascudo
14. ACORDES DA ALVORADA
Salete Fernandes Tavares
15. ALMANAK DE MACAU/1909
Adalberto Amorim
16. CACHORRO MAGRO
Carlos de Souza
17. COSTUMES LOCAIS
Eloy de Souza
18. OS AMERICANOS EM NATAL
Lenine Pinto
19. MEMORIAL DO MEU VELHO ASSU
Maria do Perpétuo Socorro Wanderley de Castro
20. CARTAS DE DRUMMOND A ZILA MAMEDE
Org. Graça Aquino
21. ANOTAÇÕES DO MEU CADERNO
Ticiano Duarte
22. IGREJA E POLÍTICA NO RN
Org. Ilza Araújo Leão de Andrade
23. JASMIN DO SOBRADINHO
Org. Roberto da Silva
24. MEMÓRIAS QUASE LÍRICAS DE UM EX-VENDEDOR DE
CAVACO CHINÊS
Inácio Magalhães de Sena
25. O MITO DA FUNDAÇÃO DE NATAL E A CONSTRUÇÃO DA
CIDADE MODERNA SEGUNDO MANOEL DANTAS
Pedro de Lima
26. VIVA A VERVE! - História de humor e devaneios
Armando Negreiros
27. ITACIRICA, A PEDRA QUE PENSAVA
Waldson Pinheiro
28. A ÚLTIMA CEIA - Por uma Dief(é)ca Polifônica
Vera Lúcia Pinto
29. DA FIDELIDADE E DO RISCO
Um estudo de caso: Djalma Maranhão
Moacir de Góes
30. COM AS MÃOS DO CORAÇÃO
Padre Fábio
31. LITERATURA FEMININA DO RIO GRANDE DO NORTE
Diva Maria Cunha P. de Macedo Constância Lima Duarte
32. NATAL ATRAVÉS DO TEMPO
Carlos Lyra
33. O FOGO DA PEDREIRA
Orlando Rodrigues
34. A MAÇONARIA NO RIO GRANDE DO NORTE
Emídio Fagundes
João Estevam
Josué Silva
35. OS TERCETOS - E UM CANTO AS VOZES DO MAR
Gilberto Avelino
36. ...E LÁ FORA SE FALAVA EM LIBERDADE
Ubirajara Macedo
37. CANCER- Reflexões de um sobrevivente
Paulo Tarcísio Cavalcanti
38. HOMENS DE OUTR'ORA
Manoel Dantas
39. OS ELEMENTOS DO CAOS
Miguel Cirilo
40. FRUTOS DO TEMPO .
Valério Mesquita
41. CONFIDÊNCIAS
Francisco Fernandes Marinho
42. YINTIMIDADES
Vera Lúcia Pinto Raquel Almeida

43. A TRAMA DA ARANHA
Anchella Monte
44. REFORMA POLÍTICA DO BRASIL E
OUTROS ENSAIOS
Homero de Oliveira Costa
45. A CANÇÃO E O ABSURDO REVISITADOS
João Baliste de M. Neto
46. NATAL ATRAVÉS DO TEMPO II
Carlos Lyra
47. CAMINHADA SE FAZ AO CAMINHAR COM LIBERDADE
Hélio Xavier de Vasconcelos
48. DESCOORDENADAS CARTESIANAS - Em
Três Ensaio de Quase Filosofia
Pablo Capistrano
49. TIGRESCRISTURA
Alessandre de Lia
50. PAPO JERIMUM - Dicionário rimado de termos populares
Cleudo Freire
51. PASSOS DA MINHA VIDA (Memórias)
Leopoldina Marinho da Costa
52. MINHAS OITENTAS PRIMAVERAS
Maria Segunda Marinho
53. A COLEÇÃO JOSÉ GONÇALVES
Org. Lenine Pinto
54. DONTOLOGIA: OFÍCIO E LITERATURA
Lenilson Carvalho
55. EU CONHECI SESYOM
Francisco Amorim
56. RETRETA POÉTICA
Manuel de Azevedo
57. SESSENTA POEMAS DE AMOR E UMA ESTÓRIA
Carlos Newton Pinto
58. DORMÊNCIA
Lisbeih Lima de Oliveira
59. NAVIO ENTRE ESPADAS
Horácio Paiva
60. SALVADOS - LIVROS E AUTORES
NORTE-RIO GRANDENSES
Manoel Onofre Jr.
61. TESTEMUNHOS
Carlos Roberto de Miranda Gomes
62. A FALSA SIMETRIA
Vicente Vitoriano
63. FAMÍLIAS SERIDOENSES
José Augusto
64. ESTUDOS PERNAMBUCANOS
Alfredo de Carvalho
65. A FIGURA DE DON JUAN NA TRADIÇÃO POPULAR
Otto Rank Trad. Aurélio Pinheiro
66. SUPERSTIÇÕES DE SÃO JOÃO
Veríssimo de Melo
67. PEIDO, O TRAQUE... PUM (O VALOR QUE O PEIDO TEM)
Celso da Silveira
José de Souza
68. O ATAQUE DE LAMPIÃO A MOSSORÓ (QUADRINHOS)
Emanoel Amaral
Alcides Sales
69. 69 POEMAS DE CHICO DOIDO DE CAICÓ
Moacyr Cirne Nei
Leandro de Castro
70. ESTADOS DO VERSO
Cid Augusto
71. UMA CÂMARA VÊ CASCUDO
Carlos Lyra
72. OS DANTAS CORREIA E OS RIBEIRO DANTAS
Paulo M. Assis Brazil
73. NOMES DA TERRA
Luis da Câmara Cascudo
74. LUIS, TOUJOURS LUI - Cartas de Câmara Cascudo e Bernard
Alléguede
Roberto da Silva
75. EX-LIBRIS DE FALVES
Falves Silva
76. O LIVRO DAS VELHAS FIGURAS - Volume VII
Luis da Câmara Cascudo
77. BANDO - N° 9/10 -1959 - Edição Especial
Euclides da Cunha
Raimundo Nonato
Hélio Galvão
Manoel Rodrigues de Melo
Veríssimo de Melo
Luis Patriota
João Alves de Melo
78. FULÓ DO MATO
Renato Caldas
79. PADRE JOÃO MARIA
Januário Cicco
80. CARTAS PARA FAUSTA- Renato Caldas
Org.: Ivan Pinheiro e Gilvan Lopes
81. FULO DO MATO - INÉDITO -1937
Renato Caldas
82. O POETA DAS MELODIAS SELVAGENS
Renato Caldas
83. BODAS DE OURO DA ORDENAÇÃO SACERDOTAL DO
MONSENHOR JOQUIM HONÓRIO DA SILVEIRA
84. HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO NORTE
Marlene da Silva Matriz
Luiz Eduardo Brandão Suassuna
85. POR UM HUMANISMO INTEGRAL
Cláudio Emerenciano
86. GÊNESE NATALENSE
Olavo de Medeiros Filho
87. DE CADA PORO UM POEMA
Antoniél Campos

88. DOTÔ, CASA COMIGO?
Ruben G. Nunes
89. SER PARDAL
Gilmar Amorim
90. HUMOR COM GOSTO DE SAL
Getúlio Teixeira
91. FALO
Paulo Augusto
92. DEPOIMENTO DO ACADÊMICO MURILO MELO FILHO
Murilo Melo Filho
93. NUNCA MATEI NINGUÉM - Chico Jararaca
Org. Carlos Lyra
94. NATALQUE EU VI
Lauro Pinto
95. MEMÓRIA VIVA - LAURO PINTO
Carlos Lyra
96. APOSTASIA
Mário César Rasec
97. DISCURSO DE ELOGIO AO PATRONO DA CADEIRA N° 34
- Dr. EZEQUIEL EPAMINONDAS DA FONSECA FILHO PELO
ACADÊMICO FERNANDO EZEQUIEL FONSECA
98. O MEL DO BENQUERÊ
Francois Silvestre
99. DAS TERRAS DE UMARIZAL
Maria de Lourdes Costa do Nascimento
100. CONTISTAS POTIGUARES
Org. Manoel Onofre Jr.
101. EU E NATAL
Abimael Silva
102. A CIDADE E O TRAMPOLIM
João Wilson Mendes Melo
103. PEQUENA ANTOLOGIA DO HUMOR NATALENSE
Veríssimo de Melo
104. DICIONÁRIO JURÍDICO EM RIMAS LIVRES
Ana Heloisa Rodrigues Maux
105. PERSONAGENS SERRANESE
Pery Lamartine
106. POTENGI - FLUXOS DO RIO SALGADO NO SÉCULO XIX
Wagner do Nascimento Rodrigues
107. UM GENTLEMAN DO SERTÃO
Manoel Onofre Jr.
108. O SERTÃO DE NUNCA MAIS
Oswaldo Lamartine de Faria
Vicente Serejo
109. A VIA LACTEA-1914
Palmira Wanderley Carolina Wanderley
110. PROF. AMÉRICO DE OLIVEIRA COSTA
Vitória dos Santos Costa
111. CINEMA, CINEMA- OS FILMES DOS MEUS SONHOS
Moacyr Cime
112. CANTIGAS DE UM BARDO SERRANO
Manoel Azevedo
113. QUEM BRINCA EM SERVIÇO - TEXTOS DE HUMOR
José de Castro
114. PEDAÇOS DA VIDA
Uraquitan Lopes de Souza
115. POEMA
Antônio José Marinho
116. MEDITAÇÕES POÉTICAS - TEXTOS DIVERSOS
Jorge Oliveira
117. JEANS AVARIADO
Antônio Ronaldo
118. CINZAS AO AMANHECER - POEMAS
Bené Chaves
119. VERSOS SACÂNICOS
José Pedrosa
120. ACONTECIMENTOS DE UM INTERNATO
José Augusto Ribeiro
121. LIVRO DE ADVINHAÇÕES
Pé. Eymard L'E. Monteiro
122. JORNALZINHO DO SEBO VERMELHO
Coleção 01-54
123. CARNAVAIS E OUTROS POEMAS
Janduhi Medeiros
124. ANTÔNIO MARTINS, TERRA DA BOA ESPERANÇA
Chagas Cristóvão
125. COMO SE HYGIENIZARIA NATAL
Dr. Januário Cicco
126. O CANGULEIRO
Coleção 01-06
127. OMBUDSMAN MOSSOROENSE
David Leite
128. LUZES, SOMBRAS E MAGIAS
Moacyr Cinte
129. ROMANCE DA CIDADE DO NATAL
Nei Leandro de Castro
130. AUGUSTO SEVERO - UM PIONEIRO NA CONQUISTA DO
ESPAÇO
Pesq. Fernando Hippolyto da Costa
131. SEM PAISAGEM - MEMÓRIAS DA PRISÃO
Moacyr de Góes
132. A FILHA DO TEMPO
Moacyr de Góes
133. UMARIZAL-SÍNTESE HISTÓRICA E BIOGRÁFICA
Manoel Onofre Jr.
134. CINE LEMBRANÇAS
Berilo Wanderley
135. CÂMARA CASCUADO EM PORTUGAL E "I CONGRESSO
LUSO - BRASILEIRO DE FOLCLORE"
Francisco Fernandes Marinho

136. ALGUMAS ABELHAS DOS SERTÕES DO SERIDÓ
Oswaldo Lamartine de Faria
Hypérides Lamartine
137. PRELIMINARES À DESCENTRALIZAÇÃO ADMINISTRATIVA
Garibaldi Tinôco
138. BAIXA-VERDE- FATOS, 'CAUSOS' E COISAS
Aldo Torquato
139. A INVENÇÃO DE CAICÓ
Moacy Cirne
140. CAICÓ CEM ANOS ATRÁS
Olavo de Medeiros Filho
141. DIÁRIO NÁUTICO
Gilberto Avelino
142. RESSONÂNCIA
Sônia Maria Fernandes Ferreira
143. O SEGREDO DE HERVAL E OUTROS CONTOS
Carlos Lins Onofre
144. COISAS DE MIM...
Graziela Costa Fonseca
145. JUAZEIRO E O PADRE CÍCERO - DEPOIMENTO PARA A HISTÓRIA
Dr. Floro Bartolomeu
146. ALUÍZIO ALVES: Populismo e modernização no Rio Grande do Norte
Sérgio Luiz Bezerra Trindade
147. ESQUINA DA TAVARES DE LIRA COM A DR. BARATA
Djalma Maranhão
148. FELICE
Lisbeth Lima de Oliveira
149. FLÔRES DO SERIDÓ - RETRATO POÉTICO DE CILIM
Austregécilio Cruz
150. GLOSA GLOSARUM
Celso da Siveira
151. ASAS E VOO-POEMAS
Francisco de Assis Câmara
152. MEMÓRIAS PROVINCIANAS
Valério Mesquita
153. MANOEL ONOFRE JÚNIOR - 40 anos de Vida
Literária-1964/2004
Francisco Fernandes Marinho
154. FLAMA SERENA - Cartas de Luís da Câmara Cascudo a João Lyra Filho
Org. Roberto da Silva
155. SUBSÍDIOS PARA O ESTUDO DA HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO NORTE
Sérgio Luiz Bezerra Trindade
José Geraldo de Albuquerque
156. OS FRANCESES NO RIOGRANDE DO NORTE
Org. Roberto da Silva
157. BIBLIOTECAS VIVAS DO RIO GRANDE DO NORTE
Lívio Oliveira
158. NA OUTRA MARGEM, O AMANHECER
Cláudio Emereciano
159. HISTÓRIAS FATOS E FOTOS
José de Anchieta Ferreira
160. TELHA CRUA
Lívio Oliveira
161. MARTINS A CIDADE E A SERRA
Manoel Onofre Jr.
162. HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO NORTE -
2ª Edição revisada
Marlene da Silva Mariz
Luís Eduardo B. Suassuna
163. MOTO MENTAL
Oto Maia
164. A PENÚLTIMA VERSÃO DO SERIDÓ
Uma história do regionalismo seridoense
Muirakitan K. de Macedo
165. A ESCRITA DOS QUADRINHOS
Moacy Cirne
166. OS REVOLTOSOS EM SÃO MIGUEL (1926)
Raimundo Nonato
167. A VIDA EM CLAVE DE DÓ - 2ª edição revista e ampliada
Zenaide Almeida Costa
168. OS AMERICANOS EM NATAL
Lenine Pinto
169. DA INCRIMINAÇÃO DO ABORTO E O SEU JULGAMENTO PELO JUIZ SINGULAR
Francisco de Assis Brasil Queiroz e Silva
170. DE VOLTA AO CASTELO DO GRAAL
Osório Almeida de Oliveira
171. CORONÉIS DO SERIDÓ
Pery Lamartine
172. PAPO JERIMUM - Dicionário rimado de termos populares -
2ª edição
Cleudo Freire
173. ALMANAQUE DO BALAIÓ
Moacy Cirne
174. TEMAS ROUBADOS
Anchella Monte
175. O CAÇADOR DE JANDAÍRAS
Manoel Onofre Jr.
176. POETAS AZUIS, PAIXÕES VERMELHAS AMORES AMARELOS
Jóis Alberto
177. DE CASCUDO PARA OSWALDO
Oswaldo Lamartine de Faria
178. GERAÇÃO DOS MAUS
José Humberto Dutra
179. A HISTÓRIA DE UM CRIME HEDIONDO
José Helmut Cândido
180. SAUDADES DO MEU MÉDICO
Joana Darc Wanderley
181. POEMAS DEVASSOS E UMA CANÇÃO DE AMOR
Nathália de Souza

182. O EXÍLIO DAS PALAVRAS
Ivan Maciel de Andrade
183. CONFIDÊNCIAS
Francisco Fernandes Marinho
184. SILÊNCIO, MAR - A POESIA DE ZILA MAMEDE NOS ANOS 50
Alexandre Alves
185. NOTURNO DE TOUROS
Nilson Patriota
186. O CARTEIRO DE CASCUDINHO
José Helmut Cândido
187. TEMPORADA DE INGENHOS E OUTROS
João Batista de Moraes Neto
188. NATAL DE ONTEM
P. de A. Pessoa de Melo
189. GARRAFAS DE AREIA DE TIBAU
Veríssimo de Melo
190. LAMPIÃO NA FAZENDA VENEZA
Raul Fernandes
191. ULTIMATOS DE LAMPIÃO E RESPOSTAS DE RODOLFO FERNANDES
Raul Fernandes
192. MEMÓRIAS DE UM EX-PRESIDENTE
Humberto Pignataro
193. CÂMARA CASCUDO EM QUADRINHOS
José Luiz Silva
194. OS BRUTOS
José Bezerra Gomes
195. SIMPLEMENTE HUMANO
Manoel Onofre Jr.
196. A REVOLUÇÃO DE 30 EM SERRA NEGRA
Raimundo Nonato
197. O ATAQUE DE LAMPIÃO A MOSSORÓ
Através do romance popular
Veríssimo de Melo
198. LOURIVAL AÇUCENA
Nilo Lourival Ferreira
199. TROVAS, GLOSAS E OUTROS VERSOS
Nilo Lourival Ferreira
200. AS 14 MAIS DA POESIA POTIGUAR
Org. Abimal Silva
201. É TUDO FOGO DE PALHA
Carlos de Souza
202. CARTA DA SECA
Targino Pereira
203. APONTAMENTOS SOBRE A FACA DE PONTA
Oswaldo Lamartine de Faria
204. VELHOS COSTUMES DO MEU SERTÃO
Juvenal Lamartine de Faria
205. GARIMPANDO A LUZ
Jansen Leiros
206. VIDA POTIGUAR
Polycarpo Feitosa
207. O GIGANTE LUIZ TAVARES
Veríssimo de Melo
208. ÉCRAN NATALENSE
Anchieta Fernandes
209. POEMAS INAUGURAIS
Moacyr Cirne
210. NATAL A 100 ANOS PASSADOS
Veríssimo de Melo
211. ITAJUBÁ ESQUECIDO
Nilson Patriota
212. REVENDO FERREIRA ITAJUBÁ
João Batista de Moraes Neto
213. PENA MÍNIMA
Lívio Oliveira
214. JANELA TEMPORÃ
Vital Nogueira
215. NOSSA CIDADE NATAL - Crônicas
Org. Nei Leandro de Castro
216. UM INTÉRPRETE DOS TAPUIOS
Alfredo de Carvalho
217. CAETANO DANTAS CORREIA e o Sítio Ingá Desembargador
SILVINO BEZERRA
218. SÁTIRAS E EPIGRAMAS DE ZÉ AREIA
Veríssimo de Melo
219. QUINZE MINUTOS DE PROSA E CINCO DE POESIA
Érico Arrorim das Virgens
220. VIVER
Carlos de Farias Barreto
221. UM REPÓRTER A MODA ANTIGA
Josué Maranhão
222. O CORPO DE CRISTO & Os Apócrifos da Serpente
Mário C. Resec
223. NATAL CLUB E SUA PRIMEIRA DÉCADA
Moysés Soares
224. PORTÃO DE EMBARQUE
Manoel Onofre jr.
225. ATITUDE PARDAL
Gilmar Amorim
226. HOMENS E FATOS DO SERIDÓ ANTIGO
Dom José Adelino Dantes
227. A CINEMÁTICA IMAGINÁRIA
AS OBRAS-PRIMAS DE TODAS AS PAIXÕES
Moacyr Cime
228. THÁLASSA
Francisco Ivan
229. BANDO - Nº 7 - 1955
Raimundo Nonato
Hélio Galvão
Manoel Rodrigues de Melo
Veríssimo de Melo

- Luís Patriota
João Alves de Melo
230. O MUNICÍPIO DE ASSÚ
Dr. P. Amorim
231. DENOMINAÇÃO DOS MUNICÍPIOS
(Rio Grande do Norte)
Manoel Dantas
232. SAINT EXUPÉRY - Na América do Sul
Pery Lamartine
233. O SEMEADOR DE ALEGRIA
Diógenes da Cunha Lima
234. AS ALÇAS DE AGAVE
François Silvestre de Alencar
235. PROJETO ZERO
Bosco Lopes
236. INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO NORTE
Sérgio Luiz Bezerra Trindade
237. CLAMBOM
Ubirajara Macedo
Pedro William Cavalcanti
238. MOISÉS SESYOM PELAS LENTES DO LUAL
Lula Lual Coruja
239. O EMPALHADOR DE PALAVRAS
Bianor Paulino da Costa
240. O RIO GRANDE DO NORTE NA GUERRA DO PARAGUAI
Adauto Miranda Raposo da Câmara
241. UM ESPELHO EM CONSTRUÇÃO
Diego Souza de Paiva
242. TRADIÇÕES E GLÓRIA DE MOSSORÓ
Nestor Lima
243. ARTES E OFÍCIOS DOS JESUÍTAS NO BRASIL (1549-1760)
Serafim Leite S. I.
244. TRÊS BICICLETAS PELA BEIRA-MAR
Edwards Montenegro de Freitas
Daniel Guará de Freitas
Flávio Ferreira de Souza Freitas
245. TRAÇOS E PERFIS DA OAB/RN
Carlos Roberto de Miranda Gomes
246. HISTÓRIAS QUE VIVI - Memórias e Crônicas
Ary Guerra Cunha Lima
247. ANTIELEGIA PARA EMMANUEL BEZERRA UM NOME POR FAZER
Jarbas Martins
248. PRESENÇA DE OSWALDO CRUZ NO RIO GRANDE DO NORTE
Frank Tavares Correia
249. GUIA DA CIDADE DO NATAL
Manoel Onofre JR.
250. BRASIL TRICAMPEÃO
Waldson Pinheiro
251. O BUFÃO DE NATAL
Paulo Augusto
252. ROMÃ
Lisbeth Lima
253. O LIVRO DAS VELHAS FIGURAS - X
Luís da Câmara Cascudo
254. LEITURAS POTIGUARES
Antônio Fagundes
255. ALCANORTE, da farsa às cinzas
Cláudio Guerra
256. TELHADO DO SONHO
Berilo Wanderley
257. PERDIDO NO PRESENTE
João Maria Lopes
258. O MUNICÍPIO DE LAJES
Nestor Lima
259. POVOADOS DO R. G. DO NORTE, EM 1943
E POPULAÇÕES URBANAS E RURAIS
Anfilóquio Carlos Soares da Câmara
260. A MEMÓRIA DE AUTA DE SOUZA
Instituto Literário 2 de Julho
261. AMARO CAVALCANTI
Carlos Adel Teixeira de Souza
262. BALÕES DE ENSAIO
Esequiel Wanderley
263. FACIT INDIGNATIO VERNON
A Indignação Faz Brotar o Verso
João da Cruz
264. FERRO DE RIBEIRAS DO RN
Oswaldo Lamartine de Faria
265. PANORAMA DO BLOOMSDAY EM NATAL (1987-2008)
Apresentação: Francisco Ivan
Organização: Francisco Magno de Araújo
266. SIMPLEMENTE JOSEFA
Maria José Pinheiro
267. ESCUTEI NA FEIRA
Jorge Darvim
268. CAMINHOS QUE PERCORRI
José de Arimateia Emílio de Souza
269. OS CÍRCULOS DO INVERNO
Tatiana Moraes
270. PORTÃO DE EMBARQUE 2 - PORTUGAL
Manoel Onofre Jr.
271. AUGUSTO DOS ANJOS DOS DEUS E DOS DIABOS
Francisco Ivan
272. XICO SANTEIRO
Veríssimo de Melo e Zila Mamede
273. BANDO Nº 1 - 1951
Raimundo Nonato
Hélio Galvão
Mário Negórcio
Veríssimo de Melo
M. Rodrigues de Melo
Eloy de Souza
J.M. Brandão Castelo Branco

274. NO RASTRO DOS CANGACEIROS
Iaperi Araújo
275. LAMPIÃO - Documentário
Ranufu Prata
276. BAR DE FERREIRINHA
Org. Roberto Fontes e
Clóvis Pereira Jr. (Piuleira)
277. INTIMIDADES (POEMAS)
Nivaldo Ferreira
278. VESTÍGIOS
Ilane Ferreira Cavatnte
279. TRÊS RIOS DENTRO DE UM HOMEM
Nilo Pereira em Imagens do Ceará-Mirim
Helicarla Moraes
280. MINHAS TAMATARAMAS: LINHAS AMARELAS
Floriano Bezerra de Araújo
281. NEGOCIANTES E MERCADORES
Mossoró e suas velhas firmas
R. Nonato
282. OÁSIS
Revista Mensal do Grêmio Literário
"Lê Monde Marche" - Volume 1
- 283 OÁSIS
Revista Mensal do Grêmio Literário
"Lê Monde Marche" - Volume 2
- 284 OÁSIS
Revista Mensal do Grêmio Literário
"Lê Monde Marche" - Volume 3
285. O CORONEL DE MILÍCIAS CAETANO DANTAS CORREIA
Dom José Adelino Dantas
286. VASTO
Lisbeth Lima de Oliveira
287. JESUINO BRILHANTE (O Cangaceiro Romântico) Raimundo
Nonato
288. ANGELINA RÍGILE E os Amuletos Mágicos
Isabela Maia Costa
289. QUASE NADA PARA ESCREVER
Walter Won Berbe
290. OS HOLANDESES NA CAPITANIA DO RIO GRANDE
Olavo de Medeiros Filho
291. CANÇÃO DA TERRA DOS CARNAUBAIS
Paulo Luciano Maia Marques
292. EVOCAÇÃO DO CEARÁ-MIRIM
Nilo Pereira
293. CUMPLI - CIDADE
Poemas para o meu lugar
João Quintino de Medeiros Filho
294. TROVADORES POTIGUARES
Gumercino Saraiva
295. POESIA RABISCADA
Almaury Júnior
296. HISTÓRIA DOS SEBOS DE NATAL
Fernando Wanderley
297. CIDADES SERIDOENSES - CAICÓ
João Maria Alves
298. CAICÓ ATRAVÉS DO TEMPO
Francisco Souza
299. ABC DA POESIA
Lionaldo Campos
300. DICIONÁRIO DO FOLCLORE
BRASILEIRO: UMA EDIÇÃO DESFIGURADA
Moacyr Cime
301. GOLPE MILITAR NO RIO GRANDE DO NORTE
E OS NORTE-RIO-GRANDENSES MORTOS
E DESAPARECIDOS: 1969-1973
Luciano Fábio Dantas Capistrano
302. ANÊMONAS
Ciro José Tavares
303. POEMAS (4ª Edição)
Antônio José Marinho
304. A DERROTA DE LAMPIÃO
Gilbamar de Oliveira Bezerra
305. ANTÔNIO SILVINO - O Rei do Cangaço
Leandro Gomes de Barros
306. DO OUTRO LADO DO RIO, ENTRE OS MORROS
Newton Navarro
307. PERFÍS
F. Avelino
308. ECOS DO SILÊNCIO
Walner Barros Spencer
309. RUA DA ESTRELA (Crônicas)
Nei Leandro de Castro
310. A BIBLIOTECA DE CAICÓ
Moacyr Cime
311. ESTADO DE POESIA
(sonetos, redondilhas e desafios)
Lucimar Luciano de Oliveira
312. POEMAS INÉDITOS
(e outros escolhidos)
Iracema Macedo
313. PIPA ATRAVÉS DO TEMPO
Marco Polo Veras
314. HISTÓRIA DE ESTREMOZ
Ir. A. Maria Dionice da Silva
315. O VENENO DO SILÊNCIO
João Batista de Moraes Neto
316. TEMPO QUANTO TEMPO
Paulo Luciano Maia Marques
317. BEIRA RIO
Newton Navarro
318. A MULHER DO SARGENTO OLIVEIRA
e outras histórias
Djaci Ferreira de Souza
319. ILUSÃO NO MUNDO REAL
João Maria Lopes

320. ÍNDIOS DO AÇU E SERIDÓ
Olavo de Medeiros Filho
321. DISCURSOS E POESIAS
Libertadora Assuense
322. ABC DO CANTADOR (CLARIMUNDO)
Newton Navarro
323. ANFION Melodrama (AMPHION / Mélodrame)
Paul Valéry
Tradução de Francisco Ivan
324. VELHAS OITICICAS
Pery Lamartine
325. A TRIBUNA
Revista Mensal do Congresso Litterario
326. NOS BONS TEMPOS DA SCBEU
VIAGEM NAS MEMÓRIAS DOS ANOS DOURADOS DE NATAL
Juarez Chagas
327. VIDA E APOSTOLADO DE
DOM JOAQUIM ANTÔNIO DE ALMEIDA
Antônio Fagundes
328. PESOS E PENAS
Anchella Monte
329. AUTÔNICAS
Maria José Gomes
330. VERMELHO MEL
Vânia Aurélio
331. EDUCAÇÃO DA MULHER NO BRASIL (edição fac-similar)
Henrique Castriciano
332. SELETA - TEXTOS E POESIAS DE HENRIQUE CASTRICIANO
José Geraldo de Albuquerque (Org.)

Um homem de idéias

Henrique Castriciano não foi apenas o intelectual mais culto de sua época, um scholar, naqueles anos da transição entre o século dezenove e as primeiras décadas do século vinte. Foi o olhar mais moderno a ferir a quietude pachorrenha deste vale branco entre coqueiros, para repetir o poeta Ferreira Itajubá. Homem de espírito e de gênio, inaugurador entre nós das grandes viagens e das descobertas de outros mundos, foi uma pedra a quebrar, com idéias novas, a vidraça da velha estética provinciana.

As novidades naquele começo de século vinte chegavam a Natal vindas do Rio, corte política e literária. As conferências, com a palavra lançada em voz alta, encantavam as platéias e serviam para arrecadar fundos em benefício de obras sociais. Ainda em 1930, Eloy de Souza fez a conferência 'Alma e Poesia do Litoral', com a renda em benefício da construção da Igreja de Santa Terezinha.

As conferências reverberavam nas vozes célebres de Joaquim Nabuco, Olavo Bilac, Medeiros e Albuquerque e Oliveira Lima. E o reflexo se ouviu nas conferências de Eloy de Souza e Manuel Dantas, em 1909, com suas visões pioneiras na valorização da vida quotidiana e na projeção de uma Natal que só a antevisão mágica de um Manuel Dantas seria capaz de imaginar a seu tempo.

É nesse ambiente que Henrique Castriciano, depois de uma longa viagem à Europa em busca de curar os pulmões cavernosos e saciar a fome do espírito, retorna à sua vila trazendo na bagagem um instante vivido numa barca quando fazia a travessia do Lago Lemán, de Genebra para Lausanne.

Ele descreve num estilo primoroso, com literariedade de grande escritor, os contrafortes de sua pobreza feita de botinas de couro de bezerro e o requinte abusado de um casal de brasileiros vestido a rigor. Na mão do moço, Henrique sentiu a aristocracia bacharelesca de um magnífico anel - 'deve ser um doutor em qualquer coisa'. Mas, a ela, seu olhar de poeta sensual não negou a formosura e confessou aos que lhe ouviam, há um século: 'A moça, de olhos garços e tez branca, formosíssima, tinha o ar macilento das reclusas, a beleza mórbida das mulheres fatais'.

Aquele homem de pele escura, jeito rude, feições grossas, poliglota e leitor dos clássicos, poeta e prosador, voltou seus olhos míopes para o livro que levava nas mãos e só desviou a atenção quando um grupo de moças embarcou no cais de Coppet. Ele conta: 'A barca estacionou um instante em Coppet, onde com a mais viva alegria entraram diversas educandas, acompanhadas das professoras, em respeitosa

camaradagem, sorrindo ao sol de outubro, excepcionalmente belo naquele dia, derramando também seu riso de luz no lago tranquilo e nos Alpes gelados'.

Henrique descreve as roupas simples e discretas das estudantes, suas pesadas bolsas a tiracolo, como se viessem das aulas. Numa dúvida irônica, anota quando uma delas senta ao lado da brasileira formosa que lhe hostilizara com o olhar: 'Talvez porque lhe fizesse mal aos nervos o ruído do lápis anotador, talvez porque lhe magoassem a vista o grosso vestuário da jovem'. Começava a nascer ali o sonho de fundar a Escola Doméstica. Eram as alunas da escola suíça que seria modelo do seu sonho.

Ao longo da conferência 'Educação da Mulher', lida no salão de honra do Natal Club, em 23 de julho de 1911, há um século, diante do governador Alberto Maranhão e de figuras como Meira e Sá, José Augusto, Manuel Dantas, Juvenal Lamartine e Fabrício Maranhão, entre outros, instalava-se a Liga de Ensino que tornaria possível realizar aquele sonho de criar a Escola Doméstica.

Henrique usa a expressão feminismo, tão moderna há um século, como uma exacerbação desnecessária à educação feminina, mas alerta para o erro de limitar a mulher 'exclusivamente à vida do lar, como um egoísmo do homem'. Ao encerrar sua fala, proclama a modernidade de sua visão, há cem anos, como se falasse às autoridades de hoje: 'Para ser grande esse povo, só falta educação'.

Quando fechou os olhos para sempre, na manhã de 26 de julho de 1947, há 64 anos, num leito da Policlínica, onde agonizara vários dias, Edgar Barbosa escreveu diante do morto ilustre:

'Talentoso e humilde, esbanjou como um príncipe de Golconda, numa aldeia de vaqueiros e pescadores, o seu amor e a sua fortuna'.

Esta conferência que a Liga de Ensino devolve aos olhos um século depois, revela toda a grandeza de visão de Henrique Castriciano de Souza, uma usina de idéias luminosas.

Natal, 2011, nos cem anos da Liga de Ensino.

Vicente Serejo



Henrique Castriciano não foi apenas o intelectual mais culto de sua época, um scholar, naqueles anos da transição entre o século dezenove e as primeiras décadas do século vinte. Foi o olhar mais moderno a ferir a quietude pachorrenta deste vale branco entre coqueiros, para repetir o poeta Ferreira Itajubá. Homem de espírito e de gênio, inaugurador entre nós das grandes viagens e das descobertas de outros mundos, foi uma pedra a quebrar, com idéias novas, a vidraça da velha estética provinciana.



Apoio:

CAIXA



SEBO VERMELHO